

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

INSTITUTO SAÚDE E SOCIEDADE

KELLY LOPES DA CRUZ

O IMPACTO DA MÍDIA TELENOVELISTA NA PERSPECTIVA DE
APAGAMENTO DA BISSEXUALIDADE

SANTOS

2019

KELLY LOPES DA CRUZ
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

O IMPACTO DA MÍDIA TELENOVELISTA NA PERSPECTIVA DE
APAGAMENTO DA BISSEXUALIDADE

Trabalho apresentado ao curso de Serviço Social da
Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada
Santista, como requisito parcial para obtenção do título de
bacharel em Serviço Social, sob a orientação do Prof. Dr.
Tania Maria Ramos de Godoi Diniz.

Santos
2019

C957i	<p>Lopes da Cruz, Kelly.</p> <p>O impacto da mídia telenovelistas na perspectiva de apagamento da bissexualidade. / Kelly Lopes da Cruz; Orientadora Tania Maria Ramos de Godoi Diniz. -- Santos, 2019.</p> <p>61 p.; 30cm</p> <p>TCC (Graduação - Serviço Social) -- Instituto Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, 2019.</p> <p>1. Sexualidade. 2. Telenovela. 3. Movimento LGBTQ+. 4. Bissexualidade. 5. Serviço Social. I. Ramos de Godoi Diniz, Tania Maria, Orient. II. Título.</p> <p>CDD 361.3</p>
-------	---

KELLY LOPES DA CRUZ
O IMPACTO DA MÍDIA TELENOVELISTA NA PERSPECTIVA DE APAGAMENTO
DA BISSEXUALIDADE

Trabalho apresentado ao curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Serviço Social, sob a orientação do Prof. Dr. Tania Maria Ramos de Godoi Diniz.

Aprovação em ____/____/____.

EXAMINADORES

Profa. Dra. Tania Maria Ramos de Godoi Diniz
Universidade Federal de São Paulo

Profa. Dra. Terezinha de Fátima Rodrigues
Universidade Federal de São Paulo

À todas pessoas que tiveram cerceado o direito ao amor e a amar.

*É pela teimosia de amar em liberdade e com sentidos radicalmente humanos,
sem imposições e opressões, que seguimos em marcha, com punhos
erguidos e com a firmeza de que o horizonte de emancipação humana exige
ser pintado com todas as cores. (Mirla Cisne)*

AGRADECIMENTOS

Ao meu irmão Lucas por ser tão jovem e ainda assim, me compreender sem julgar e respeitar as minhas lutas. Seu apoio é fundamental. Que eu possa contribuir para a construção de um homem distanciado da masculinidade tóxica. Conte comigo sempre.

À minha mãe Marli, que sempre me motivou a estudar e me deu forças para dar continuidade mesmo nos dias difíceis. A voz dela sempre ecoa na minha mente dizendo: “estude para ter conhecimento e ser independente” E é isso que eu desejo, mãe.

Ao meu pai Nivaldo, que muitas vezes não compreende nada do que eu digo, que prefere não entrar nas discussões comigo sobre a sociedade, pois haja divergência, mas que sempre fez todo o possível para eu pudesse estudar. E que ainda sem muito me entender, apoia minha formação.

À minha irmã Monique, que entre as idas e vindas em minha vida, segue me apoiando, dialogando e tentando aprender sobre as teorias que carrego. E agradeço também pelos presentes em forma de sobrinhas, Yasmin e Giovanna. Eu não sou maternal, mas as amo e desejo uma sociedade melhor e mais segura para elas.

À Mariane Cavalcante minha grande amizade construída nesses anos de graduação e notável assistente social admirada por mim. Meu ombro amigo, minha inspiração e minha fortaleza profissional. Que sigamos juntas, resistindo e lutando na vida e na profissão.

À Débora Alves, uns dos seres humanos mais lindos que a comunidade unifespiana me propiciou conhecer e que tem uma habilidade admirável de transformação. Obrigada por transformar o mundo a sua volta. Esse trabalho tem muito do seu apoio e cuidado.

À Kamila Bejarano, que em tão pouco tempo se tornou uma pessoa muito próxima e querida para mim e que, para além das impressões extraídas da graduação, me mostrou que é uma pessoa formidável, tem um debate pertinente, alinhado e engajado. Que me motiva a pensar e lutar por uma nova ordem societária.

À Carolina Neder, que foi minha parceira durante o período de graduação, que me incentivou, aconselhou e que dividiu comigo dias muitos bons, mas também os dias sombrios e insanos da vida e da formação profissional.

À Bruna Reis e Laura Bertin, que foram presentes da escolha mais maluca que fiz durante a graduação: a comissão Dezoito de formatura. Elas foram e permanecem sendo meu apoio, abrigo e inspiração. A gente se vê entre um jantar e outro, conversa sem cobrança, segue emanando amor e desejando o melhor da vida uma pra outra. E para todas as mulheres.

À Renata Carvalho minha querida supervisora de estágio. É um privilégio acompanhar diariamente a sua atuação profissional e admirar a sua ética e comprometimento com os usuários do serviço, assim como sua luta pela garantia de direitos. Para além do aspecto profissional, acredito que nosso encontro não aconteceu por acaso. É uma honra e um acalento dividir as angústias e os dias felizes com você. Que na minha atuação profissional sempre tenha um pouco de ti, das suas lutas e de nossas trocas.

À Paola Dottori e Luiza Dacal, mulheres incríveis e acolhedoras que tornaram meus dias mais alegres e de muitos aprendizados. Agradeço pela paciência, ensinamentos, diálogos, trocas e por serem profissionais da psicologia comprometidas com a defesa e a garantia de direitos. Seguiremos lutando!

À Valeria Nogueira e Vicente Santos meus melhores amigos da vida, meus apoios. Sempre muito incentivadores, dispostos a ouvir, dialogar e trocar. Admiro cada pedacinho de vocês e agradeço por tê-los comigo independente de tempo e distância. De 2012, 2013 para a vida. Val, eu te desejo muito sucesso no exercício da profissão e que bom que até nisso estamos alinhadas, né? Você será uma excelente psicóloga, eu acredito nisso. Vi, meu querido amigo, agradeço por não me deixar desistir da temática escolhida para esse trabalho. Com toda certeza resistir por mim e por você foi de grande consideração para continuar a tratar da bissexualidade. Sucesso no que escolher fazer da vida, estarei com você.

À Cynthia Fuschini minha querida professora e amiga. Sempre presente em meus pensamentos. Grande incentivadora de sonhos e objetivos. Cy nunca desistiu de mim e é dela que eu lembro quando penso em quem orgulhar. É pra ela que eu conto das minhas conquistas e é na mulher forte que ela é que eu me inspiro pra não desistir dos meus sonhos. Desejo que a Cy possa continuar incentivando outros alunos e que mais pessoas tenham o privilégio de aprender com ela.

À Tânia Diniz minha paciente orientadora de TCC. Tânia, eu não tenho palavras para mensurar a importância de você ter me acompanhado nesse processo que é o da pesquisa. Agradeço pela paciência e, principalmente, pela compreensão, por não

desistir dessa orientanda nada fácil aqui. Agradeço por entrar de cabeça comigo e me orientar dentro do que foi possível. Espero futuramente te orgulhar. Agradeço também por me inspirar. Profissionais e docentes como você são os motivos dos/as discentes seguirem resistindo e acreditando que nem tudo está perdido. Seguimos juntas.

À Terezinha Rodrigues por ter aceito ser leitora deste trabalho e pelas aulas, momentos e conversas que pudemos ter ao longo desses anos. Ainda que para mim nossa relação tenha se iniciado atravessada, no decorrer da trajetória acadêmica, você se tornou especial e uma docente em quem me inspiro.

À Sônia Nozabielli, Ana Maria Estevão, Gisele Bovolenta e Natália Ornelas, expresso aqui tamanha gratidão por ter cruzado com profissionais tão maravilhosas e acolhedoras que fizeram diferença no meu processo de formação. Sigo desejando que existam mais profissionais comprometidas e éticas como vocês.

À Pedro Henrique, último agradecimento, porém tão importante quanto os outros. Meu amigo, namorado e parceiro. Já faz dois anos que você acompanha minha rotina e nunca deixou de me incentivar, exaltar e acreditar em mim. Agradeço pelo colo, pelo apoio, pela preocupação, pela crença em mim e por tentar compreender tudo que eu te digo ainda que nossas formações estejam distantes. É um privilégio e um prazer dividir a vida e tudo que vem junto nela com você.

RESUMO

A presente pesquisa surge da necessidade de compreender e contribuir com a visibilidade da bissexualidade enquanto expressão da sexualidade humana. Essa orientação sexual que atravessada por preconceitos e discriminações, culminam em sua invisibilização. O estudo é constituído por uma pesquisa exploratória que utiliza bibliografias e que tem sua empiria denotada por meio de telenovelas. O desafio do trabalho se encontra em tentar compreender o modo como a sexualidade ao longo dos anos foi construída e o quanto essa construção já não contempla mais as diversas expressões da sexualidade, bem como busca evidenciar os efeitos das reproduções telenovelistas e seus impactos para a sociedade, principalmente, para comunidade LGBTQ+, priorizando o olhar para a bissexualidade.

Palavras-Chave: Sexualidade. Telenovela. Movimento LGBTQ+. Bissexualidade. Serviço Social.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Diálogo entre Selma e Rosa na novela “O segundo sol”.....	45
Figura 2	Personagens Leandro, Suelen e Roni da novela “Avenida Brasil”	48
Figura 3	Diálogo entre Chica e Clara na novela “Em família”	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Temas e histórico da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo.....	30
Quadro 2	Novela “O Segundo Sol”	45
Quadro 3	Novela “Avenida Brasil’	48
Quadro 4	Novela “Em Família”	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEPSS	Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social
ABGLT	Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
ABL	Associação Brasileira de Lésbicas
ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
APOLGBT	Associação da Parada de Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis
BSH	Programa Brasil Sem Homofobia
CFESS	Conselho Federal de Serviço Social
CIS	Cisgênero
CRESS	Conselho Regional de Serviço Social de São Paulo
DST/AIDS	Doença Sexualmente Transmissível/ Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ENESSO	Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social
GGB	Grupo Gay da Bahia
GLBT	Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros
GLF	Grupo Lésbico-Feminista
GLT	Gays, Lésbicas e Travestis
HIV/AIDS	Vírus da Imunodeficiência Humana/ Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
LBL	Liga Brasileira de Lésbicas
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis
MGL	Movimento Gays e Lésbicas
MHB	Movimento Homossexual Brasileiro
ONG	Organização Não Governamental
PT	Partido dos Trabalhadores
TRANS	Transexual
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 SEXUALIDADE.....	15
1.1 Capitalismo e a Contextualização Histórica da Sexualidade.....	15
1.2 Diversidade Sexual: Expressões da Sexualidade Humana.....	21
1.2.1 Orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero.....	22
1.3 Marco Mundial da Luta LGBT.....	24
1.4 Movimento LGBT+ no Brasil.....	25
1.5 Paradas do Orgulho LGBT.....	29
CAPÍTULO 2 TELENODELA E SEXUALIDADE.....	32
2.1 Contextualização Histórica da Telenovela no Brasil.....	32
2.2 Telenovela brasileira e representações LGBT.....	36
CAPÍTULO 3 PROCESSO METODOLÓGICO: TELENODELA E BISSEXUALIDADE.....	41
3.1 Telenovela e Bissexualidade.....	41
3.1.1 Discussão sobre as novelas.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	60

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto a bissexualidade que atravessada por preconceitos e discriminações, culminam em sua invisibilização. Pretendemos compreender e explicar como a mídia, mais especificamente, as telenovelas apresentam e direcionam as discussões pertinentes a comunidade LGBTQ+ e se tendem ao apagamento da bissexualidade.

O estudo está vinculado às áreas de gênero e sexualidade, classes sociais e movimento LGBTQ+.

A sociedade em que vivemos foi construída no seio da diversidade, pelas diferentes culturas, povos ou subjetividades de cada indivíduo. No entanto, há uma hierarquia carregada de preconceitos que ditam que determinado modelo de sociedade e indivíduos detém poderes sobre aqueles que são diferentes e/ou que de alguma forma não se encaixam na “normalidade”, sendo assim, pessoas alvo das desigualdades sociais.

O modelo utilizado para dada diferenciação e tido como padrão sempre foi e ainda é o do homem, branco, rico, heterossexual e jovem, tendo como contraste a mulher, negra, pobre, lésbica e velha, portanto, a questão das desigualdades sociais sofridas por essa estruturação perpassa gênero, classe social, raça/etnia, patriarcado e heteronormatividade.

Assim, na sociedade antidemocrática e intolerante que vivemos – racista-patriarcal-capitalista-heteronormativa – ser diferente significa estar em situação de desigualdade.

[...] As opressões e as explorações, historicamente, serviram às classes dominantes, para manter privilégios. Com isso, ser diferente, em uma sociedade fundada pela exploração, é estar sujeito a sofrer várias formas de desigualdades de poder e de direitos, inclusive do direito inalienável de vivenciar os nossos sentimentos, os nossos desejos. O cerceamento e a opressão a esse direito é no mínimo, uma invasão a nossa individualidade e à autonomia sobre nosso corpo, mente e coração. (CISNE, 2012, p. 5)

No que concerne a mídia como recurso informativo e comunicativo, mais especificamente as telenovelas, segundo Lopes (2009)

[...] é possível afirmar que a telenovela conquistou reconhecimento público como produto estético e cultural, convertendo-se em figura central da cultura e da identidade do país. [...] essa situação alcançada pela telenovela é responsável pelo caráter, senão único, pelo menos peculiar, de ser uma narrativa nacional que se tornou um recurso comunicativo que consegue

comunicar representações culturais. [...] devido à sua peculiar capacidade de criar e de alimentar um repertório comum, por meio dos quais pessoas de classes sociais, gerações, sexo, raça e regiões diferentes se posicionam e se reconhecem. (LOPES, 2009, p.22)

Desse modo, é possível compreender e afirmar a importância e o papel representativo das telenovelas, ainda que tal recurso comunicativo abarque pautas emergentes para a sociedade, há também o viés mercadológico por detrás das exposições que, conseqüentemente, reproduzem e perpetuam um modelo de sociedade, reiterando, portanto, desigualdades sociais, preconceitos e discriminações.

Contudo, o desafio proposto nesse trabalho se dará pela tentativa de compreender o modo como a sexualidade ao longo dos anos foi construída e o quanto essa construção já não contempla suas mais diversas expressões, bem como buscará evidenciar os efeitos das reproduções telenovelistas e seus impactos para a sociedade, principalmente, para comunidade LGBTQ+, priorizando o olhar para a bissexualidade.

O primeiro capítulo se propõe a apresentar a sexualidade contextualizada em uma sociedade capitalista para compreender como seu modelo foi instituído socialmente decorrente da divisão sexual do trabalho na instituição familiar, bem como o impacto desse formato até os dias atuais. E também busca ilustrar as expressões da diversidade sexual humana e também o movimento LGBTQ+, contemplando o marco mundial e a emergência dessa coletividade no Brasil.

O segundo capítulo dispõe-se a tratar do surgimento das telenovelas, as transformações e a incorporação à cultura brasileira, de modo a compreender o atual papel desse gênero televisivo para a sociedade nos dias atuais e como esse recurso comunicativo e informativo versa as expressões da sexualidade e como as (in)visibiliza.

Já o terceiro capítulo se coloca a discutir sobre as telenovelas e a bissexualidade, em busca de apreender se ocorre o “apagamento” dessa orientação sexual e como isso se dá. Irá considerar o levantamento de três novelas para a realização da discussão.

Nas considerações finais será exposto o resultado das análises com base na consideração das três novelas elencadas e com fundamentação teórica, a fim da

confirmação do impacto das telenovelas na perspectiva de “apagamento” da bissexualidade.

Ainda nas considerações finais, se coloca a apontar como o serviço social brasileiro tem se posicionado em relação à diversidade sexual e quais foram os avanços e conquistas em defesa dos direitos dessa população.

É relevante enfatizar que o estudo se constitui por uma pesquisa exploratória que utiliza bibliografias e que tem sua empiria denotada por meio de telenovelas e que ainda que neste trabalho sejam apresentadas somente três telenovelas, existem incontáveis outras que tocam a temática da diversidade sexual.

CAPÍTULO 1 SEXUALIDADE

1.1 Capitalismo e a Contextualização Histórica da Sexualidade

Desde os primórdios da sociedade, ante a ideação burguesa das relações, a sexualidade esteve evidenciada como norteadora das relações e papéis sociais do homem e da mulher. Entretanto, ainda que seja possível enxergar semelhanças nas demarcações pré-estabelecidas e continuadas, o que passa a diferir a compreensão desses papéis é a remodelação das relações, que numa sociedade capitalista, passam a ser relações definidas pelo poder.

A primeira das relações abordada neste estudo será o patriarcado, que por sua vez, antecede o modo de produção de vida numa sociedade capitalista, mas que ajustada atende aos interesses e necessidades do capital. E é regido pela lógica estrutural “de privilégio e dominação masculinos relacionados à subalternização e à invisibilização das mulheres e do que é associado e identificado como feminino.” (Cisne, 2018, p.43)

Acerca do patriarcado Cisne (2018, p.43 apud Delphy 2009b, p.174) a palavra patriarcado “vem da combinação das palavras gregas pater (pai) e arke (origem e comando). [...] Portanto, o patriarcado é literalmente a autoridade do pai.” Dessa forma, “designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de “dominação masculina” ou de opressão das mulheres.” (Cisne, 2018, p.43 apud Delphy, 2009b, p.173).

Para entender o patriarcado e as relações que dele culminam, se faz necessária a compreensão de que, “as relações patriarcais de gênero assentam-se na premissa de que os homens e as mulheres são seres sociais que se relacionam a partir da necessidade de produção e reprodução da vida social” (Nogueira, 2018, p.29), ou seja, o ser social é aquele que não é passível de compreensão imediata, que passa por um processo de construção incorporando tanto passado quanto sua necessidade emergente.

De acordo com Nogueira (2018)

O ser social precisa se autoproduzir em condições concretas e somente nesse processo este tipo de ser alarga suas possibilidades, ampliando seu campo de objetivações. Para que se compreenda o caráter autoprodutivo do ser social é necessário destacar o trabalho como mediação fundante. (NOGUEIRA, 2018, p. 29)

O trabalho, portanto, se apresenta como categoria indissociável da existência do ser social como diz Nogueira (2018, p.30) apud Engels (2004) “como condição fundamental da vida humana”. E Nogueira (2018, p.30) apud Lukács (2012) “o próprio ser humano que trabalha é transformado por seu trabalho; ele atua sobre a natureza exterior e modifica ao mesmo tempo, sua natureza(...) [assim como] as forças da natureza são transformadas em meios de trabalho”, sendo assim, Lukács apresenta dupla definição para o papel do trabalho.

O ser social ao se desenvolver, conseqüentemente, caminha para a socialização, possibilitando maneiras de divisão do trabalho na família e na comunidade. Tal divisão foi concebida a partir das características particulares de homens e mulheres, sendo considerados os fatores biológicos, mais especificamente, voltados à força física e a função reprodutiva.

(...) desenvolve-se a divisão do trabalho, que originalmente nada mais era do que a divisão do trabalho no ato sexual e, em seguida, divisão do trabalho em que, em consequência de disposições naturais (por exemplo, a força corporal), necessidades, casualidades e etc., desenvolve-se por si própria “naturalmente”. (Nogueira, 2018, p.30 apud Marx e Engels, 2007)

Subentende-se, portanto, uma divisão sexual do trabalho, resultante na problematização posterior de Marx e Engels sobre a distribuição desigual entre os produtos do trabalho e a propriedade privada. Para Nogueira (2018, p.31) apud Marx e Engels (2007), a primeira expressão de propriedade privada assenta-se na família, onde mulheres e filhos estão sob a posse do homem.

A instituição familiar para atender aos interesses de um determinado modo de produção, ao longo da história, também passou por modificações. E segundo Santos (2017, p.10) Engels baseia-se na produção de Morgan, que divide a trajetória da família em três períodos principais: estado selvagem, barbárie e civilização; família consanguínea e punaluana, família sindiásmica e família monogâmica, respectivamente.

O estado selvagem é dividido em três fases: fase inferior, fase média e fase superior. Na fase inferior, o homem vivia quase que inteiramente conectado à natureza, pela morada em bosques e pela alimentação de frutas, raízes e nozes, tendo como desenvolvimento a articulação da linguagem.

A fase média é marcada também pela conexão do homem com a natureza, entretanto, nesse período ocorre aperfeiçoamento do que é ofertado pela natureza,

assim como as descobertas possibilitam diferentes vivências, uma vez que o homem passa a se desprender de climas e lugares. Foi neste período que se iniciou o uso do fogo, a invenção de armas para caça e canibalismo e também a introdução de peixes à alimentação.

Na fase superior, com a ampliação das possibilidades na alimentação decorrente da criação do arco e flecha, foi propiciada a caça frequente aos animais e houve indicativos de que o homem fixou residência em aldeias, assim como passou a produzir meios para sua subsistência.

Na barbárie, segundo período elencado, há também a divisão por fases. A fase inferior é “determinada pela domesticação e criação de animais e o cultivo de plantas, além da introdução da cerâmica e diferenças de condições naturais entre os continentes” (Santos, 2017, p.10), resultante no diferente processo de evolução entre as populações.

Na fase média, com o descompasso na evolução entre as populações, desponta o aparecimento de casas de madeira, de tijolos, plantação, criação de rebanho e o rompimento com o canibalismo. E na fase superior, há notoriedade no desenvolvimento dos instrumentos de trabalho com a invenção da pá, do machado e do arado de ferro, permitindo a lavração de terra em crescente escala.

O último e terceiro período que marca a transição da barbárie para a civilização é o que vivemos até os dias atuais. Momento este demarcado pela criação da escrita alfabética, aprimoramento na criação de gado, agricultura e começo do trabalho humano na indústria.

Compreendido o movimento de transformação e evolução humana, abordaremos agora as organizações familiares de cada período, para que se possa compreender suas características, assim como evidenciar que a família não é algo natural e acompanha os processos sócio-históricos da sociedade.

Como já explicitado, cada período refere à uma instituição familiar. O período selvagem representa a família “consanguínea e punaluana” e segundo Santos (2017, p.12) a família consanguínea é o estágio preliminar do que hoje conhecemos como graus de parentesco e dessa forma, como salienta Santos apud Morgan e Engels

Os grupos conjugais classificam-se por gerações: todos os avôs e avós, nos limites da família, são maridos e mulheres entre si; ao mesmo sucede com seus filhos, quer dizer, com os pais e mães; os filhos destes, por sua vez, constituem o terceiro

círculo de cônjuges comuns; e seus filhos, isto é, os bisnetos dos primeiros, o quarto círculo. (SANTOS, 2017, p.12 apud ENGELS, 1960, p. 40)

Desse modo, as relações se dão de acordo com a geração, ou seja, as gerações se relacionam entre si, não podendo, portanto, se relacionarem com as demais gerações. E nesse período, é possível destacar a incorporação de uma determinada norma, que diferencia então o modo de se relacionar após a mudança do animal para homem, uma vez que na época de transição, as relações se davam livremente de todos com todos.

Já a família punaluana, segundo Santos (2017) pouco a pouco exclui a relação conjugal por irmãos – no primeiro momento, irmãos da mesma mãe – até que em dada etapa também é negada a relação de irmãos de mães diferentes, desdobrando no aparecimento de categorias como primas e primos e sobrinhas e sobrinhos.

Em decorrência das proibições citadas, estabelece-se a instituição da gens, isto é, um grupo familiar consanguíneo que não pode se relacionar entre si Santos (2017), que institui um novo modelo organização familiar, este que se tornou universal. Importante notabilizar que neste período a constituição de matrimônio se dava em formato de grupos.

A família sindiásmica correspondendo ao período denominado barbárie, marca a consolidação da união conjugal por pares, entretanto, essa configuração não é exclusiva desta organização, pois a família punaluana em seu decorrer já indicava esse modelo no ato de se relacionar.

Tal metamorfose sucede, de acordo com Santos apud Engels

A medida, porém, que evoluíam as gens e iam-se fazendo mais numerosas as classes de “irmãos” e “irmãs”, entre os quais agora era impossível o casamento, a união conjugal por pares, baseadas no costume, foi-se consolidando. (SANTOS, 2017, p. 13 apud ENGELS, 1960, p.48)

Sendo assim, com o assentamento da união conjugal por pares – leia-se relação de um homem e de uma mulher – em consequência das vigentes mudanças, o homem passa então a precisar buscar pela mulher e é nesse momento que se iniciam os raptos e a compra de mulheres.

Neste período frente às dificuldades encontradas pelo homem e as atitudes tomadas, Santos aponta que

Além do aparecimento dos raptos e compras de mulheres, tais relações apresentam características e privilégios distintos, onde os homens têm por direitos exercerem a poligamia e a infidelidade ocasional e das mulheres

exigem a fidelidade, em caso de descumprimento era castigada de maneira severa. (SANTOS, 2017, p 13)

É da família sindiásmica que descende a família monogâmica, esta que corresponde ao período da civilização transacionado do período da barbárie e é definida pelo casamento monogâmico, ou seja, casamento de um homem e de uma mulher sustentado por acordos entre as famílias, com o intuito primordial do repasse da herança para os filhos legítimos, sendo a condição da legitimidade da filiação possível a partir do controle da sexualidade da mulher até o casamento.

O controle sobre o corpo e a sexualidade, a opressão e a exploração que o patriarcado desenvolveu e desenvolve sobre a mulher, sob um “modelo” heterossexual obrigatório de naturalização dos sexos, vieram a atender dois interesses: Primeiro, a garantia de controle sobre as(os) filhas(os), o que significava mais força de trabalho e, portanto, mais possibilidade de produção de riqueza. Segundo, ao garantir que a prole seria sua, assegurava-se aos homens a perpetuação da propriedade privada por meio de herança. (CISNE, 2018, p.44)

Portanto, o período de transição da família sindiásmica para a família monogâmica, da barbárie para a civilização, é marcado pelo desenvolvimento econômico e suas transformações que culminam na venda das riquezas, pois lhe são atribuídas o valor de troca e os bens convertidos em propriedade particular das famílias. Ou seja, agora o pai tem seu lugar como o de proprietário e tem como objetivo a procriação, pois seus filhos nessa fase são seus herdeiros diretos. E também o intuito de aumentar a mão de obra para o trabalho. Já para a mulher, como patrimônio, ficara reservado o direito somente aos utensílios domésticos e cuidados aos filhos.

Desse modo, com a demarcação da divisão sexual do trabalho na família fica evidenciada a desigualdade decorrente dos lugares ocupados por homens e mulheres no que concerne a divisão social do trabalho, tendo em vista os papéis sociais estabelecidos, que explicitam o modo de atuação na produção e reprodução das relações, pois se para o homem ficam reservados os instrumentos de trabalho e os meios de produção, para as mulheres são incubidas responsabilidades com os trabalhos domésticos e os cuidados com os filhos e os demais membros da família.

Acerca da passagem de uma sociedade primitiva para uma sociedade civilizada, do trabalho para atender as necessidades coletivas para exploração entre seres humanos, Cisne apud Lessa aponta

[...] a destruição das sociedades primitivas e a exploração do homem pelo homem (sic) apenas pôde ocorrer com a aplicação da violência. É nesse

momento histórico que a guerra surge como um complexo social e que fará parte da humanidade [...]. Como será da guerra que virão os escravos, e já que a guerra é uma atividade predominantemente masculina, a riqueza que será expropriada pelos trabalhadores será, então, convertida em propriedade privada dos indivíduos masculinos de classe dominante. Caberão assim aos homens da classe dominante para a reprodução da sociedade[...]. A economia, o direito, a política, a religião, a guerra, o comércio, as artes, a filosofia, a ciência, a exploração e a conquista de novos territórios surgem já como atividades masculinas. [...] tudo que diz respeito ao destino da classe, à história do período, estará a cargo dos indivíduos masculinos; [...] Por outro lado, sem a reprodução biológica dos indivíduos nenhuma sociedade pode existir. [...] nas sociedades de classe é impossível que a criação das crianças, a preparação de alimentos, das moradias, etc. continuem como atividades coletivas. Nenhum senhor de escravo, senhor feudal ou burguês criará ou pagará a alimentação dos filhos de seus concorrentes – do modo que não cuidam dos filhos dos trabalhadores que exploram. [...] tais atividades [...] serão agora exercidas pelas mulheres enquanto parte da vida privada (isto é, não coletiva) de cada proprietário. (CISNE, 2018, p.56 apud LESSA, 2012, p.26)

Desse modo, é de grande importância a desmistificação de que a família monogâmica é algo natural, biológico, pois somente se torna predominante em dado período da história e passa por adaptações com a finalidade atender aos interesses da classe dominante e ao capital, assim como institui papel ideológico para que seus valores conservadores sejam reproduzidos socialmente.

É da família monogâmica heterossexual patriarcal que a sexualidade passa a ser caracterizada como negativa e tomada, portanto, pelo controle social, tendo como resultado proibições sustentadas pela culpa e pelo medo, em relação aos sentimentos sexuais e emocionais que fugissem à manutenção da ordem, ou seja, “com a chegada da propriedade privada, o natural passou a ser não natural” (Cisne, 2018, p.58 apud Okita, 2007, p.33-34)

Tal forma de controle direcionou os comportamentos do homem e da mulher e, no que se refere as relações sexuais, os homens, sujeitos de dominação, puderam vivenciar uma sexualidade livre, enquanto as mulheres tiveram seus desejos sexuais cerceados, para Cisne (2018, p.59 apud Lessa, 2012, p.39) “na mesma proporção em que à mulher é negado o direito ao prazer, aos homens é requerida uma volúpia incontrolável”, portanto, é possível captar que para o homem a monogamia nunca estivera como imposição. Isto é, para Cisne (2018, p.59 apud Lessa, 2012, p.39) “a família monogâmica é constituída, portanto, por um homem e uma ou várias mulheres em relação de opressão - nem consensual, nem autônoma”.

(...) a posição do dominante dos homens dispensa estabelecer o que é masculino, pois o masculino é a norma de referência. É necessário, para essa dominação masculina ditar o que não é suficientemente viril (por exemplo,

com relação à homossexualidade) para consolidar a norma de referência. (CISNE, 2018, p.59 apud Devreux, 2011, p. 14)

Para além das opressões e explorações causadas à mulher, esse sistema familiar passa então a impactar as relações que fogem à sua norma, como por exemplo as relações homossexuais, estas que estão incorporadas na sociedade desde as civilizações antigas passam a ser condenadas por serem vistas como dissonantes da lógica da reprodução, da propriedade privada, da herança e principalmente, do papel dominante exercido pelo homem.

Indispensável evidenciar que não há linearidade nas transformações das relações, uma vez que as sociedades não passaram pelas mesmas variações em períodos iguais, no entanto, importante enfatizar que o modelo da família monogâmica heterossexual patriarcal permanece vigente até os dias atuais, pois no que tange a reprodução ideológica, o Estado, as igrejas, as leis, a polícia e a própria família foram fundamentais.

1.2 Diversidade Sexual: Expressões da Sexualidade Humana

Conforme o modelo patriarcal vigente nas relações de gênero – autoritário, conservador e repressivo – é possível compreender os motivos de, ainda no século XXI, existirem questionamentos do que é “ser homem” e “ser mulher” nessa sociedade, pois ainda que historicamente esses papéis tenham sido determinados, estes parecem não mais contemplar as múltiplas expressões da sexualidade humana.

A forma como o modelo está enraizado implica que, homens, obrigatoriamente, precisam ter postura de fortes, viris, superiores, dominantes; já as mulheres têm que ser tímidas, subservientes, medrosas, monogâmicas e “apolíticas”, ou seja, homens e mulheres devem ser heterossexuais, pois completam-se.

A existência desse modelo que estigmatiza e prevê moldes interfere diretamente nas relações que diferem do modelo hetero-patriarcal, porque quando homens são gays, “automaticamente” perdem sua “masculinidade” e no caso de mulheres lésbicas, são apenas mulheres que querem ser homens e ainda não encontraram o parceiro certo, ou seja, fogem à regra de seus papéis sociais.

“[...]é também dessa ideologia patriarcal que muitos casais homoafetivos estabelecem uma dicotomia na sua sexualidade entre “passivx” e “ativx”, sendo o primeiro pertencente a quem se identifica com o gênero feminino e o segundo como gênero masculino” (Cisne, 2012, p. 6)

Assim, sendo possível elucidar que as possibilidades humanas são marcadas pelo binarismo de gênero, o feminino e o masculino, bem como evidenciar que a questão do gênero e seus papéis se fazem presentes nas relações, sejam elas heterossexuais ou homoafetivas.

É do padrão supracitado que decorre a dificuldade em compreender o campo da sexualidade como diverso e que o modelo hegemônico já não contempla - se é que em algum período da história isso foi possível - os sujeitos e as diferentes expressões de sexualidade, pois “os indivíduos determinados pelos seus sentimentos, em sua vida cotidiana, rompem tratados e regras preestabelecidas” (Cisne, 2018, p. 125)

Desse modo, fica estabelecido, no campo da convivência sexual, uma separação radical entre práticas que são totalmente aceitas e estimuladas, e aquelas que são condenáveis e proibidas, e exatamente por isso, muitas vezes são invisibilizadas. O resultado disso foi a criação de práticas e valores no âmbito da família, da escola, do Estado, enfim impregna todo o tecido social a imposição da “heterossexualidade” como a única orientação sexual considerada legítima e saudável (Santos, 2005). Prevalece, também uma concepção biologizante da identidade de gênero dos indivíduos. (CISNE, 2018, p.127)

Na lógica das relações hetero-patriarcais não é minimamente concebível que os relacionamentos afetivos e sexuais não se deem por meio do originário da heterossexualidade e no que tange às relações que não se inserem à norma, tais são perseguidas, condenadas e subalternizadas.

No decorrer do processo sócio histórico, as demais expressões de sexualidade foram tratadas como pecado, contravenção e doença.

1.2.1 Orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero

Nos dias atuais, para alguns sujeitos, a ótica negativa quanto as diversas expressões de sexualidade não possuía mudança, devido ao modo como a norma hetero-patriarcal foi reproduzida e permanece enraizada na sociedade. No entanto, ainda que os preconceitos e discriminações se façam presente no cotidiano dos indivíduos que expressam livremente a maneira de se relacionar, o debate a respeito da diversidade sexual tem obtido avanços, tais que possibilitam nomear as diferentes manifestações.

Imprescindível frisar que as “caixinhas” da identidade de gênero, da expressão de gênero e da orientação sexual se fazem necessárias, uma vez que é preciso dar

visibilidade às demais expressões da sexualidade como forma de resistência política e de enfrentamentos a fim da garantia de direitos da população denominada LGBTQ+.

A orientação sexual diz a respeito da atração afetiva e/ou sexual dos indivíduos e o termo “orientação” foi incorporado para substituir o termo “opção”, pois foi compreendido - não por todos - que não há possibilidade escolha sobre os sentimentos afetivos e/ou sexuais. São consideradas orientações sexuais a heterossexualidade, a homossexualidade, a bissexualidade e a assexualidade.

A heterossexualidade representa os sujeitos que se sentem atraídos por pessoas do gênero oposto, isto é, a relação entre um homem e uma mulher. Vale ressaltar que essa orientação sexual é tida como norma e é desse formato que parte a hierarquização sobre as demais orientações, já que esta responde a lógica de uma sociedade hetero-patriarcal-capitalista e que aceita socialmente.

Já a homossexualidade é o relacionamento entre pessoas do mesmo gênero, ou seja, relação entre mulher e mulher, no caso mulheres lésbicas, e homem e homem, melhor dizendo, homens gays, que podem ser pessoas cisgêneras ou transgêneras. As relações homossexuais passaram a ser condenadas por não atenderem aos interesses da classe dominante e também pela forma como esse tipo de relação foi negativamente disseminada.

Os sujeitos bissexuais são aqueles que se sentem atraídos afetiva e sexualmente por pessoas de ambos os gêneros, rompendo, portanto, com a dualidade heterossexual/homossexual e que assim como a homossexualidade, foge do princípio da heteronormatividade, uma vez que lhe foi atribuído o estereótipo da promiscuidade, não se tornando interessante para a família, o casamento, a reprodução e a religião.

A assexualidade, embora pareça uma conceituação recente, o termo esteve indicado desde a década de 1980 e refere a sujeitos que não sentem atração sexual por nenhum dos gêneros, mas que podem sentir atração romântica por mulheres e homens, cisgêneros e transgêneros.

Acerca da identidade de gênero, é o conceito que diz sobre a forma com os sujeitos se compreendem socialmente, que pode ser dispare da identificação com o sexo biológico, ou seja, uma pessoa que nasceu com o sexo biológico feminino pode se reconhecer como alguém do gênero masculino e vice-versa. Dessa forma então, se a pessoa se enxerga como mulher ou homem, ela é resultante de sua identificação independente do seu aparelho sexual.

As pessoas que se identificam da maneira supracitada, são as que conhecemos como transexuais, travestis, transgêneros e intersexos.

Transexuais são indivíduos que se identificam com o gênero oposto ao sexo biológico com qual nasceram e que socialmente são vistas pelo viés patológico.

As travestis, termo utilizado somente no feminino, marca as pessoas que assumem características sociais, físicas e culturais correspondentes ao gênero oposto de seu sexo biológico, dessa forma, então, performam a feminilidade.

Os sujeitos transgêneros são aqueles que transitam entre os gêneros independente do sexo biológico atribuído. E os intersexos são aqueles cujo o sexo biológico são constituídos pelo sexo feminino e o sexo masculino, isto é, genitália ambígua, não se enquadrando, portanto, no binarismo de gênero.

Com relação a expressão de gênero, refere aos comportamentos femininos e masculinos na forma de vestir, no aspecto físico e no modo como se apresenta na sociedade. E para além binarismo de gênero, há também pessoas andróginas, que se exprimem de forma ambivalente, ou seja, apresenta uma combinação de traços físicos quer masculinos, quer femininos ou uma aparência que não permite identificar claramente o seu gênero.

Significativo sinalizar que as expressões da diversidade sexual não cessam a partir do que foi apresentado e que esse universo é múltiplice, no entanto, o exposto tem como o intuito demonstrar que o modelo da heterossexualidade, do homem e da mulher, não contempla as demais manifestações, estas que foram enquadradas como forma de enfrentamento à ordem estabelecida e que em um ideário horizontal, reforçam a necessidade da vivência da livre expressão sexual.

1.3 Marco Mundial da Luta LGBT+

“A revolta de Stonewall” foi o marco decisivo na luta dos direitos LGBT+ para o mundo e o documentário que conta sobre sua história retrata a condição de sujeitos homossexuais norte-americanos, em meados dos anos 60/70 e a forma como a sociedade não compreendia a homossexualidade como uma orientação sexual e sim, uma doença mental ou um tipo de psicopatia sexual que, sob a ótica dos médicos da época poderiam alcançar proporções epidemiológicas.

A patologização da condição de homossexual resultou em internações em clínicas psiquiátricas onde eram feitos procedimentos como esterilização, tratamentos de choque com intuito de reprimir a excitação. Em alguns casos, as famílias eram a

favor da lobotomia, da castração e de outros meios de tortura, como por exemplo a utilização de fármacos que causavam a sensação de afogamento.

Nesse período, a conjuntura norte-americana era extremamente opressora, e qualquer ato afetivo homossexual em público resultava em linchamento, exposição (divulgado nome, endereço) ou até mesmo em prisão, podendo variar de estado para estado.

O grande marco para que os homossexuais, tanto homens quanto mulheres começassem a se manifestar, decorreu de uma invasão por parte dos policiais nova-iorquinos ao bar que deu título ao documentário e ao movimento, o Stonewall Inn, localizado em Greenwich Village, frequentado por travestis, drag queens e homossexuais, local esse dos poucos que aceitava tal população diversificada. E foi a partir do confronto com os policiais que os homossexuais e os demais sujeitos diversos, tomados pelo sentimento de coletividade, perceberam que precisavam lutar por seus direitos.

Portanto, é de todo esse tensionamento que se dá o início do movimento denominado movimento homossexual, com o intuito de lutar pelos direitos dos gays e lésbicas. E todo esse movimento pela busca dos direitos não envolvia apenas a questão da liberdade em relação à diversidade sexual e suas formas de manifestações, fomentava também os debates de raça e classes sociais

1.4 Movimento LGBT+ no Brasil

No Brasil, o movimento LGBT+ emergiu numa conjuntura em que os movimentos sociais estavam em luta pela liberdade de expressão, segundo Pereira (2016, p.121 apud Fachinni, 2005), o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), como era chamado na época, denominado também como “a primeira onda” (1978-1983), tem seu surgimento registrado na década de setenta, esta que corresponde também ao período de vigência da ditadura cívico-militar.

O MHB despontou-se apoiado pelo Jornal Lampião da Esquina e pelo aparecimento do GRUPO SOMOS - grupo de afirmação homossexual, ambos buscavam dar visibilidade ao movimento LGBT+. O jornal denunciava as violências cometidas contra pessoas LGBT+ e lutava também pela construção de políticas públicas concomitante à luta contra a ditadura. E o SOMOS, que na época tinha um espaço predominantemente masculino, visava dialogar sobre as pautas LGBT+ e era formado por estudantes, artistas e intelectuais da época.

Devido a composição do SOMOS ser em maioria masculina, as mulheres lésbicas não se sentiam representadas e então não se vinculavam ao grupo ou ao movimento e isso culminou na criação do primeiro Grupo Lésbico-Feminista.

No mesmo período, surge também o Grupo Gay da Bahia (GGB) representando as demandas dos LGBT+ nordestinos é o primeiro grupo a se normatizar como ONG (Organização Não-Governamental). Segundo Pereira (2016, p.122 apud FACHINNI, 2005) “o GGB assumiu importante protagonismo na campanha pela despatologização da homossexualidade. ”

A segunda onda (1984-1992) do movimento LGBT é período de associação da homossexualidade com a chegada do HIV/AIDS no Brasil e, partindo deste enquadramento, por volta de 1980, para além da liberdade de expressão, o movimento e as demais frentes passaram a lutar por direitos civis, contra a discriminação e pela criação de políticas de prevenção de DST/Aids, demandas essas que estavam atreladas ao crescimento do mesmo.

Na época, GGB fez campanha nacional pela despatologização da homossexualidade e foi nesse período que surgiu a expressão “orientação sexual” tomando o lugar da “opção sexual”, uma vez compreendido a não possibilidade de escolha. De acordo com Pereira (2016, p.122) o grupo Triângulo Rosa do Rio de Janeiro assim como o Grupo Gay da Bahia se formalizaram e realizaram uma campanha pela inclusão da não discriminação pela orientação sexual na Constituinte de 88. A campanha não obteve sucesso, mas foi um grande passo para a iniciativa de legislações punitivas no âmbito estadual e municipal contra a discriminação de pessoas LGBT+.

Acerca da terceira onda (1992-2005), de acordo com Pereira (2016, p. 122) “é marcada pelo aumento no número de ONGs e grupos com variados formatos do movimento LGBT+ (setoriais partidários, grupos informais, grupos religiosos, núcleos universitários)” e o movimento em formato de organização não-governamental entrou em disputa pela execução de projetos estatais, priorizando a prevenção do HIV/AIDS que, posteriormente, no governo Lula se tornaram políticas de direitos humanos e cidadania com a implantação de políticas afirmativas e participativas.

A ampliação da visibilidade social se dá basicamente pelo debate público em torno de candidaturas e projetos de lei; pela adoção da estratégia da visibilidade massiva através da organização das Paradas do Orgulho LGBT; e pela incorporação do tema de um modo mais “positivo” pela grande mídia, seja pela inserção de personagens em novelas, seja em matérias de jornais

ou revistas que incorporam LGBT como sujeitos de direitos (FACCHINI, 2009; p. 139)

Nessa onda, Pereira (2016, p. 122) aponta que outras identidades constituintes do movimento LGBT+, como lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, vistas como secundárias, ganham protagonismo. E também é nesse período que se formam as grandes redes nacionais que englobam organizações locais e de base. São elas:

- Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT)
- Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA)
- Associação Brasileira de Lésbicas (ABL)
- Liga Brasileira de Lésbicas (LBL)
- Rede Afro LGBT

O ganho político pela unificação do movimento LGBT+ com as demais organizações foi imprescindível para o aumento de sua visibilidade na sociedade e na mídia por meio das Paradas do Orgulho LGBT+.

Conforme Fachinni (2012, p. 140), diante da visibilidade do movimento, ao passar dos anos, houve a readequação de seu nome devido a necessidade de representatividade dos sujeitos que compunham e que foram se tornando pertencentes ao movimento.

- Até 1993: MHB (Movimento homossexual brasileiro)
- Depois de 1993: MGL (movimento gays e lésbicas)
- Após 1995: GLT (gays, lésbicas e travestis), período em que foi fundada a associação AGLBT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros)
- 1999: GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros), variando entre GLBT e o LGBT, a partir de hierarquia e da estratégia de visibilização dos segmentos.
- 2005: GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e travestis, transexuais e transgêneros), foi do XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros que ocorreu a aprovação e oficial inclusão do “B” de bissexuais à sigla usada pelo movimento e o “T” para contemplar travesti, transexuais e transgêneros.

- 2008: LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e travestis, transexuais e transgêneros)

A sigla LGBT foi adotada na I Conferência Nacional GLBT, convocada pelo Governo Federal na gestão Lula, ocorrida em junho de 2008, após intensos debates. Importante ressaltar que a sigla já adotou outras formas no passado e que, mesmo após o consenso construído na I Conferência, alguns preferem utilizá-la sob outras formas, de modo a contestar uma suposta hierarquia contida na atual sigla ou a ausência de outras identidades como as intersexuais, por exemplo. (PEREIRA, 2016, p.117)

O Brasil foi primeiro país “a promover uma atividade dessa natureza, que sinaliza o compromisso do Estado brasileiro com a promoção dos direitos de LGBT” (FACHINNI, 2012, p.135). Nos anos 2000 o movimento “passa a atuar fortemente junto ao Poder Executivo Federal para a gestação de políticas de direitos humanos e não mais apenas no campo da saúde” (PEREIRA, 2016, p.122)

Em 2004, após vitória do Partido dos Trabalhadores (PT) e ampliação no que diz respeito às pautas do movimento LGBT no governo federal, como símbolo do encontro entre movimento e Estado, foi criado o Programa Brasil Sem Homofobia (BSH) que visava a promoção e proteção da cidadania LGBT+ a partir de um conjunto de políticas transversais.

Houve também a ampliação das relações entre ativistas LGBT+ com parlamentares dos três poderes políticos. O legislativo e o judiciário tiveram importantes avanços na criação e aprovações de projetos de leis, sendo as principais pautas “a Parceria Civil, a criminalização da homofobia e o reconhecimento das identidades trans e suas necessidades” (PEREIRA, 2016, p. 123). E no poder executivo houve a ampliação “dos canais de interlocução entre Movimento LGBT+ e Estado através de uma maior participação social por meio de Conferências e Conselhos de direitos”. (PEREIRA, 2016, p.122 apud FACHINNI, 2005, p.123)

No decorrer dos avanços e conquistas do movimento LGBT+, incidiram frentes religiosas e conservadoras discordantes da garantia de direitos da população LGBT+, que mais adiante na história, ocasionou o atravancamento na ampliação das políticas públicas e retrocessos nas garantias já existentes.

Na medida em que o movimento LGBT+ foi sofrendo boicotes na garantia de seus direitos, foram surgindo novos ativismos LGBT+ que contribuíram para o enfrentamento das frentes opositoras, assim como também houve a possibilidade de

expansão da pesquisa, da literatura, dos espaços para discussão e da participação social.

As duas primeiras décadas do século XXI são marcadas pela ampliação de políticas públicas para a população LGBT+, tendo ativistas participado da gestão e percebido a fragilidades em suas formulações. O percurso da garantia de direitos da população LGBT+ não foi um processo que passou pela linearidade. E para Pereira (2016) é

Importante também ressaltar que a trajetória das políticas acima ilustrada não foi isenta de contradições, tensões e acidentes de percurso. Destacamos entre seus principais desafios: o pouco impacto, pelo menos sentido, que estas políticas tiveram/tem exercido no cotidiano da vida de milhões de LGBT em permanente luta e resistência nas suas localidades (que, muitas vezes, sequer conhece os mecanismos criados) e os limites e retrocessos que os governos progressistas tiveram no que diz respeito à implementação de algumas políticas em face da coalizão partidária com setores antagonistas ao Movimento LGBT e da correlação de forças desfavorável, num sistema político, em que as minorias não são consideradas na composição dos governos ou não detém capital eleitoral atraente. (PEREIRA, 2016, p.127-128)

Desse modo, é possível notabilizar que o movimento LGBT+ teve seus avanços alinhados com a defesa dos direitos humanos e que ainda que hajam avanços, esta população a todo momento é ameaçada no que diz respeito a sua existência. E o embate e a correlações de forças desfavoráveis ora citadas decorrem do não encaixilhamento desses sujeitos na perspectiva de uma sociedade hetero-patriarcal-racista-capitalista.

Portanto, ainda que se perceba progressões históricas, o movimento LGBT+ segue em luta contra às opressões, ao direito da cidadania, ao não enquadramento e pela vivência de uma sexualidade livre.

1.5 Paradas do Orgulho LGBT+

As Paradas do orgulho LGBT+ são uma série de eventos com diversas ações afirmativas que buscam celebrar as manifestações de diversidade sexual. As comemorações e atos políticos contra a LGBTfobia ocorrem no dia 28 de junho, sendo este o dia mundial do orgulho LGBT+ em homenagem ao marco do movimento, “A Revolta de Stonewall”.

No Brasil, as paradas LGBT+ acontecem desde 1997 na cidade de São Paulo, anteriormente o evento foi denominado Parada Gay e em 1999 foi alterado pela ONG APOLGBT para parada GLBT e em 2008, a fim de alcançar maior visibilidade ao

movimento das mulheres lésbicas e também normalizar o nome conforme os outros países, adotou o nome Parada do Orgulho LGBT.

As paradas LGBT+ são importantes para visibilidade do movimento nas mais diversas mídias, pois para além da celebração, anualmente as temáticas dos eventos acompanham a conjuntura política, os avanços e retrocessos no acesso e na garantia de direitos.

Quadro 1 - Temas e histórico da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo

Ano	Edição	Readequação do nome da Parada	Temas
1997	I	Parada do Orgulho GLT	"Somos muitos, estamos em todos os lugares e em todas as profissões"
1998	II		"Quero mostrar meu rosto, eu também pago imposto"
1999	III		"Orgulho gay no Brasil, rumo ao ano 2000"
2000	IV	Parada do Orgulho GAY	"Celebrando o Orgulho de Viver a Diversidade"
2001	V	Parada do Orgulho GAY	"Abraçando a Diversidade"
2002	VI		"Educando para a Diversidade"
2003	VII		"Construindo Políticas Homossexuais"
2004	VIII	Parada do Orgulho GLBT	"Temos Família e Orgulho"
2005	IX		"Parceria cível Já! Direitos iguais: nem menos, nem mais"
2006	X		"Homofobia é Crime! Direitos Sexuais são direitos humanos"

2007	XI	Parada do Orgulho GLBT	"Por um mundo sem Racismo, Machismo e Homofobia"
2008	XII		"Homofobia Mata! Por um estado laico de fato"
2009	XIII	Parada do Orgulho GLBT	"Sem Homofobia, mais cidadania. Pela Isonomia dos direitos!"
2010	XIV		"Vote Contra a Homofobia"
2011	XV		"Amai-vos uns aos outros: Basta de homofobia!"
2012	XVI		"Homofobia tem cura: educação e criminalização."
2013	XVII		"Para o armário nunca mais. União e conscientização na luta contra a homofobia."
2014	XVIII	Parada do Orgulho GLBT	"País vencedor é país sem homolesbostranfobia."
2015	XIX		"Eu nasci assim. Eu cresci assim. Vou ser sempre assim. Respeitem-me!"
2016	XX		"Lei de identidade de gênero Já! Todas as Pessoas Juntas Contra a Transfobia."
2017	XXI		"Independente de nossas crenças nenhuma religião é lei. Todas e todos por um Estado Laico"
2018	XXII		"Poder para LGBTI+, Nosso Voto, Nossa Voz"
2019	XXIII		"50 Anos de Stonewall: Nossas Conquistas, nosso Orgulho de ser LGBTQI+!"

CAPÍTULO 2 TELENÓVELA E SEXUALIDADE

“A televisão tornou-se um estado dentro do Estado, uma escola acima das escolas e uma forma subliminar e assustadora de manipulação de mentes.”
(Florestan Fernandes)

2.1 Contextualização Histórica da Telenovela no Brasil

Para compreender a importância da telenovela no cenário cultural brasileiro é imprescindível que se entenda sobre o gênero novela e as readaptações pelas quais esse gênero passou decorrente das mudanças nos meios de comunicação e dos avanços tecnológicos.

Antecedente à novela, existiu o chamado Folhetim, originário dos jornais franceses, surgido no início do século XIX, que é uma forma de edição seriada, de obras literárias do gênero prosa de ficção ou romance, publicado em periódicos, jornais e revistas (REBOUÇAS, 2008 p. 3). Esse formato de mídia foi rapidamente aceito e ampliado de modo que passou a fazer parte do cotidiano de seus leitores de forma a influenciar os costumes da época.

Após o sucesso do Folhetim, em meados de 1930, deu-se espaço a Radionovela, de origem estadunidense, que por sua vez prendia a atenção de seus ouvintes desafiando os poderes da imaginação dada a riqueza na sonoplastia e na compreensão dos sons.

Ambos, Folhetim e Radionovela tiveram seus percursos bem-sucedidos no Brasil.

Sequente a radionovela, surgiram as fotonovelas que consistiam em uma narrativa que poderia ser longa ou curta e que unia a fotografia ao texto verbal com a intenção de apresentar os mais variados gêneros. Suas publicações podiam ser encontradas em formato de jornais e revistas.

Na fotonovela, o papel do narrador era dual: além de evidenciar ao leitor a ação dos fatos, também tinha a função de expor o teor moral, o juízo de valor e explicar a função das personagens.

Em seguida, na década de 1950, juntamente com chegada da televisão brasileira, foi dado início a produção das telenovelas. Nesse período, a televisão tinha mínima relevância, no entanto, seu acesso foi intensificado após a exibição da

primeira telenovela, nomeada “Sua Vida Me Pertence”, em 1951, exibida pela TV Tupi de São Paulo que ia ao ar duas vezes por semana.

A telenovela em suas produções, utilizava do mesmo formato que a radionovela no que diz respeito a forma e conteúdo, usufruindo também dos mesmos atores, autores e diretores. E as representações se davam por meio de adaptações de famosas obras da literatura nacional.

Ainda na década de cinquenta, mesmo com todo o vislumbre envolto da telenovela, este período também foi marcado pelo incerto, uma vez que havia grande dificuldade na produção em série e exibição diária dos capítulos, assim como não havia investimento ou suporte que desse conta de custear os recursos visuais, dramáticos e técnicos.

Na década de sessenta, as telenovelas passaram a ser exibidas diariamente e mantinham proximidade com a representação melodramática e com temáticas comuns da época que envolviam: mãe solteira, a dona de casa, o filho fora do casamento, amor clandestino, jogos de dupla personalidade, entre outros.

A primeira exibição diária de telenovela foi “2-5499 Ocupado” de 1963 transmitida pela emissora TV Excelsior. E já em 1965, a TV Tupi exibiu a telenovela “O Direito de Nascer”, esta que culminou no

[...]primeiro grande sucesso de audiência [...] que marcou definitivamente a ascensão do gênero. A telenovela tornou-se então uma inconfessável paixão nacional, quase uma mania. A repercussão gerou uma popularidade inimaginável e duradoura, o que incentivou os empresários de TV a investirem mais na telenovela. (REBOUÇAS, 2008, p.4)

No final da década 1960 e início dos anos 1970, foi transmitida também pela emissora TV Tupi a novela moderna e descontraída “Beto Rockfeller”, esta que impactou diretamente no processo de profissionalização e aprimoramento de recursos técnicos e culminou na expansão desse meio de comunicação.

Consequente do sucesso da telenovela “Beto Rockfeller”, dando início ao que se pode nomear como sutil disputa pela audiência, a emissora de televisão Rede Globo então contratou Janete Clair para produzir telenovelas, sendo em 1969 a exibição de Véu da Noiva, telenovela esta que foi reescrita por Janete e também sucesso anterior em formato de radionovela.

A virada das décadas para além da alta produção de telenovelas, de acordo com Pinto (2006) também foi marcado

[...]por inovações responsáveis, se não por romper com o padrão de produção e hegemonia do melodrama então vigente, por flexibilizar o modelo narrativo introduzido em algumas telenovelas, oferecendo novas temáticas, territórios de ficcionalidade, além de recursos tecnológicos que passam a gerar significativas alterações no padrão tradicional. (PINTO, 2006 p.17)

Em 1973 houve a transmissão da primeira telenovela em formato colorido, a “O Bem-Amado” da Rede Globo, escrita por Dias Gomes, que não evidencia somente a chegada da cor aos lares, mas também a produção de cenas que incorporaram a realidade cotidiana brasileira.

A emissora na época, já muito próspera em suas produções, usou de sua percepção sobre as mudanças no mercado televisivo para consolidar “a fórmula brasileira”, ou seja, o jeito brasileiro de conceber novelas.

Tal método contava com, segundo REBOUÇAS (2008)

[...]colaboração de grandes romancistas e poetas, maior aproximação da época contemporânea, desmistificação do passado, linguagem coloquial e regional, apresentação de fatos reais, influência do teatro de vanguarda, aparecimento do anti-herói mentiroso, corrupto e de figuras femininas originais, finais abertos, elaboração sutil da comédia e da tragédia. (REBOUÇAS, 2008, p. 5)

Isto é, período igualmente marcado pela conversação do real com o ficcional, em que as telenovelas buscavam por meio de enredos diversos, intensos e polêmicos aproximar-se da realidade cotidiana de seus telespectadores a fim de transformar suas vivências em entretenimento.

A TV Tupi faliu no final dos anos 1970, dando espaço à emissora Bandeirantes que entrou na disputa pela audiência com a exibição de “Cara a Cara” de autoria de Vicente Sessa. A rede Globo, por sua vez, permanece incessantemente com suas produções e lança ainda na virada das décadas de 1970/80 as novelas “Anjo Mau” e “Locomotivas” de Cassiano Gabus Mendes e anuncia o protótipo ideal para exibição no horário conhecido como o “das sete”.

A década de 1980 é marcado por altos e baixos, a emissora Bandeirantes ainda que tenha investido fortemente em dramaturgia não teve resultados promissores. A Globo continuou a liderar a audiência com a exibição da novela “Roque Santeiro”, esta que anteriormente havia tido sua apresentação censurada pelo regime militar nos anos 1975.

A proibição da telenovela “Roque Santeiro” se deu pela descoberta de que o enredo tratava somente de uma adaptação da peça teatral intitulada “O Berço do

Herói”, de 1965, que fazia explicitamente crítica à construção de mitos heroicos baseados em fatos reais atrelado ao contexto do golpe de 64.

Os anos oitenta e noventa passaram a incorporar temáticas de cunho social, político e cultural, ganhando, portanto, “uma função social, educativa e informativa” (REBOUÇAS, 2008, p.7) e nos anos 1990, é chegado o período chamado de “guerra de audiência”, pois se “o telespectador trocasse de canal por não gostar de uma trama, ajustava-se a obra a seu gosto” (REBOUÇAS, 2008, p.7)

A telenovela dos anos 2000 até os dias atuais segue reforçando a “guerra de audiência” e expressa tamanho desenvolvimento do gênero e a conquista do seu espaço na televisão brasileira, segundo Rebouças (2008, p.10) “o brasileiro tornou a telenovela um hábito, pois se acostumou a assistir durante a semana, trama e subtramas que se intercalam”.

O hábito mencionado foi criado a partir de todo um planejamento que estudou a forma como se dava a audiência das telenovelas, tendo como resultado a criação de horários e dias fixos para exibição. Demarcando o que conhecemos hoje por “horário das seis”, “horário das sete” e “horário das oito” ou “horário das nove” com capítulos exibidos de segunda à sábado para contemplar os mais diversos públicos.

E além disso, diferente dos anos 1980 e 1990, os capítulos passaram a ser produzidos semanalmente a contar da aceitação ou não dos telespectadores e das intervenções feitas por eles com o intuito de não possibilitar a queda de audiência. Como aponta Pinto (2006), a “principal e instigante característica é adequar e ajustar-se de acordo com as respostas e questionamentos dos telespectadores. ”

Atualmente, as telenovelas são dinâmicas e mutáveis [...] real e o ficcional condensam-se proporcionando aos telespectadores maiores identificações e projeções com a obra. Elas fazem referência ao universo exterior à narrativa, assumiram papel explicitamente de intervenção em histórias, oferecendo-se ao público como prestadoras de serviço. O atual período é também marcado pela ousadia temática, tendo em vista a liberdade de abordagem de temas ligados à sensualidade, ao sexo fora do casamento, ao uso de drogas, a violência urbana, ao uso de linguajar chulo, da gíria, de temas e diálogos antes proibidos na televisão ou rechaçados pelos telespectadores. (PINTO, 2006, p. 22)

A telenovela então, pode ser compreendida como uma agente social que exerce grande influência ao dialogar com seu público consumidor, tal que pode ser positiva ou negativa. E seu sucesso se dá por essa exibição que retrata na televisão de forma tão aproximada o cotidiano dos telespectadores, pois “o mundo de fantasia, muitas vezes é almejado” (REBOUÇAS, 2008, p.10)

Dessa forma, é possível evidenciar que a telenovela interfere diretamente na vida cotidiana de seu público consumidor decorrente de toda a identificação e a maneira como esse gênero se tornou um recurso não somente de entretenimento, mas também informativo e comunicativo que permite o encontro do real com o ficcional tendo como retrato a cotidianidade.

Importante sinalizar que a telenovela, antes radionovela, é pautada pelos interesses do mercado e que se, anteriormente tinha sua arrecadação em função da relação comercial a partir de propagandas sobre higiene e beleza, no cenário atual o conjunto de atividades técnicas e mercadológicas, o famoso *merchandising*, tem contribuído para o aumento da receita a partir da apresentação de campanhas de ordem social nas tramas centrais, de forma a serem bem aceitas pelos telespectadores.

Isto é, como resultado do viés mercadológico, a telenovela tende a considerar as contribuições e críticas do seu público de forma que, a finalidade seja o consumo desse gênero televisivo e com isso, tanto a trama quanto as intervenções podem resultar em reprodução e perpetuação de um modelo hegemônico de sociedade, que culminam e fomentam preconceitos e discriminações do que se apresenta distante da norma.

2.2 Telenovela Brasileira e Representações LGBT+

No que tange as representações LGBT+ nas telenovelas brasileiras, se faz necessária a diferenciação entre representação e representatividade, uma vez que “a televisão está alinhada aos padrões éticos e culturais da cultura na qual está inserida, e por tal motivo não ousa transgredi-los” (ROSSI e VIANA, 2018, p.8)

A representação refere-se à construção das personagens, “a trama, o texto, a atuação, o figurino, os ângulos nos quais colocam-se as personagens, a linguagem audiovisual e textual” Rossi e Viana (2018, p. 6).

Já no que concerne à representatividade, o conceito diz sobre representar politicamente os interesses de um determinado grupo e/ou classe social.

Os personagens LGBT+ tem suas exibições nas telenovelas brasileiras desde a década de 1970 e de acordo com Rossi e Viana apud Silva,

Em 62 telenovelas, de 1970 até 2013, encontram-se 126 personagens: 76 são gays; 24 são lésbicas; 13 homens bissexuais; três mulheres bissexuais; oito mulheres transexuais; uma travesti e uma personagem com a identidade

de gênero e orientação sexual não definida”. (ROSSI e VIANA; 2018, p. 2 apud SILVA, 2015, p.2)

Importante ressaltar que da década de 1970 até os anos 2000, os personagens LGBTQ+ em maiorias homossexuais foram representados como efeminados e assassinos, pois segundo Sousa (2009, p.9) as “narrativas mantêm uma continuidade com o que é pensado socialmente” e dessa forma, mesmo com o crescimento do movimento LGBTQ+ e a luta pela garantia de direitos dessa população, a ideia de perversão e pecado já havia sido assimilada pela sociedade.

De 1970 a 1980 é o período marcado pela aparição restrita de personagens LGBTQ+ nas tramas, predominantemente homossexuais e com breves participações. E na transição das décadas, ainda com certa resistência à apresentação de relações amorosas de casais homossexuais, foi o momento em que esses personagens despontaram.

Os enredos das telenovelas da década de 1980 abordaram temáticas como preconceitos e relações familiares, hierarquia das sexualidades, correlação entre sexualidade enquanto transgressora e criminalidade.

Nessa década, foram produzidas 11 novelas com personagens LGBTQ+, a predominância ainda na apresentação de homens homossexuais espalhafatosos, sensíveis e afeminados em papéis secundários como o de mordomos, gurus e cozinheiros. Também foram apresentados casais lésbicos, mas que diferente dos personagens gays, eram casais e personagens que se portavam de forma discreta, monogâmica e estável em seus relacionamentos.

Esse período marca a aparição do primeiro personagem homem gay negro, que se comportava de forma oposta às expressões de homossexualidade masculina ora representadas. E também a primeira personagem bissexual que somente alcança a felicidade quando “se torna” heterossexual e passa a performar a feminilidade. O primeiro personagem transgênero aparece nessa década de forma a contrariar o binarismo de gênero, masculino e feminino, por transitar entre os dois durante a trama.

Segundo Silva (2015, p. 77), a década de 1990 “das representações de mulheres lésbicas se deram em 3 tramas, tendo uma delas a apresentação da homossexualidade feminina explicitada de modo em que o casal foi retirado da telenovela pela não aceitação do público e “a retirada do casal é lembrada até a atualidade como um marco de preconceito e discriminação” (Silva, 2015, p.77)

Nessa época, ainda que mantido um determinado padrão na exibição de personagens LGBTQ+ e a predominância masculina, ocasionou diversidade em relação às demais sexualidades. Foi nos anos noventa que surgiu uma personagem que “desestabilizou, de fato, as convenções sobre gênero e sexualidade. Ao não se definir como homossexual, travesti, transexual ou drag queen” (Silva, 2015, p.77) e em outro momento houve o aparecimento de uma personagem intersexual com o intuito de dar visibilidade à essa sexualidade pouco mencionada no período.

Sobre a chegada do novo século e as telenovelas, Silva aponta

O crescimento perceptível das últimas décadas se acentua nos anos 2000, quando 22 narrativas são produzidas com a participação de LGBTQs. Nas novelas exibidas às 21h, desde 2003, todas apresentam pelo menos uma personagem LGBTQ. (SILVA, 2015, p 78)

A crescente representação de LGBTQ+ se torna notória nessa década, entretanto, com o destaque veio também a necessidade de mudanças nos comportamentos dos personagens. O preponderante espaço destinado para homens gays é continuado, mas passa por alterações, no sentido de que as representações afeminadas, desbocadas em torno de papéis secundários, agora tomam forma de comportamentos heteronormativos. Ou seja,

[...]formados por homens brancos, em relações monogâmicas, de classe média e com profissões liberais como médico, músico e executivo, são personagens bastante respeitados dentro das tramas e que não se tornaram motivo de piada por sua sexualidade. (SILVA, 2015. p.78)

Significativo sinalizar que mesmo que se tenha normatizado às personagens, não foram totalmente excluídas as representações afeminadas, porém, a “normatização” apresentou aos telespectadores um formato considerado adequado e melhor aceito.

A respeito das representações das mulheres lésbicas “continuam com uma representação hegemonicamente normativa” (SILVA, 2015, p.78). Pois, “em comum, as tramas abordaram a descoberta da sexualidade de mulheres adolescentes ou jovens, os conflitos familiares, a consolidação dos relacionamentos – monogâmicos e estáveis – ao longo de toda a trama. (SILVA, 2015. p.79)

A década de 2000 também é marcada pela discussão da invisibilidade bissexual, que mais à frente na segunda década do século é marcado por um relacionamento entre um trio com dois personagens bissexuais. Já a transexualidade

é apresentada em 4 narrativas que dialogam com a realidade desses sujeitos e dos movimentos sociais. Houve importante crítica na época sobre a interpretação de pessoas transexuais por pessoas cisgêneras.

A segunda década do século destaca o período de maior apresentação de personagens LGBTQ+ nas telenovelas. De 2014 até 2016, segundo Santos e Mattos

21 telenovelas produzidas nesses três anos, cinco não trabalharam com a temática LGBTQ, das 19 telenovelas que tiveram representação LGBTQ, chegamos ao resultado de 51 personagens. Em cada ano, foram produzidas sete teledramaturgias. O ano de 2015 foi o que mais teve personagens LGBTQ, somando 23 personagens, quase o dobro de personagens exibidos nos outros dois anos, 13 personagens em 2014 e 15 em 2016 (SANTOS e MATTOS, 2019, p 11)

Dessa forma, se torna evidente o crescimento do espaço dos personagens LGBTQ+ nas telenovelas brasileiras e como é emergente falar dessas representações que ora contribuem para a visibilidade dessa população e do movimento, ora perpetuam comportamentos, preconceitos e discriminações.

É notável a hierarquia no que se refere às expressões da sexualidade nas telenovelas, assim como a remodelação dos comportamentos que parecem ser melhores aceitos pelos telespectadores, o que cabe dizer também que essa hierarquia alcança as disputas dentro do próprio movimento LGBTQ+, no que tange os papéis sociais do homem e da mulher e das diferentes opressões.

A telenovela, portanto, exerce uma dualidade entre um potente espaço que pode vir a promover uma transformação social, mas também lugar de perpetuação e reprodução de opressões, por isso é necessário fazer do ato de assistir a telenovela para além de um entretenimento, uma atividade política de consumo.

Ao falar das representações e representatividades, o discorrido acima diz sobre as representações que em dado momento apagaram as diversas performances da sexualidade e comportamentos, que moldaram os personagens com o intuito de agradar ao público consumidor. Este público que por vezes esteve no papel de convivência frente às opressões e/ou esteve também clamando pelo apagamento das personagens que não foram adaptados à norma da heterossexualidade e da heteronormatividade.

No que se refere à representatividade, chega a ser utópico pensar nas telenovelas como um agente político e benéfico aos movimentos sociais, no entanto, atualmente, ainda que a passos curtos, estão sendo incorporados personagens cuja

a realidade está mais próxima dos movimentos das minorias como LGBTQ+, movimento negro e feminista. E é importante ressaltar que o formato tem alcançado mudanças pelas intervenções e não aceitações do público consumidor das telenovelas.

A existência de produções que rompem com padrões hegemônicos da heterossexualidade nos indica que a mídia é construída na negociação entre produtores e recepção/audiência dessas produções culturais. Ou seja, há um processo que “obriga” a indústria cultural a negociar, partindo do seu lugar hegemônico e na manutenção desse lugar, com a recepção materializada. [...] resultando em uma via de mão dupla, em uma produção híbrida entre mídia e sociedade. (MIRANDA, 2011, p 7)

Isto é, a telenovela é produto, responde à lógica mercadológica e ainda que seja inegável a sua contribuição ao movimento LGBTQ+ e às expressões da diversidade sexual, também ocasionou perdas e apagamentos, e tem se reconfigurado para continuar alcançando de forma massiva a vida e o cotidiano dos telespectadores. Portanto, a telenovela com todo o seu poder, vai apresentar e representar aquilo que é consumido, independente dos danos sociais para determinados grupos ou segmentos.

CAPÍTULO 3 PROCESSO METODOLÓGICO: TELENOVELA E BISSEXUALIDADE

Ao pensar na estrutura desta pesquisa, a qual aborda a sexualidade humana, sua construção sócio-histórica e a influência que as transformações desse percurso exercem atualmente frente à diversidade sexual, este capítulo pretende a partir da análise de cenas das telenovelas apreender as implicações que um dado modelo de sociedade reproduzido por esse recurso cultural, comunicativo e informativo propende a invisibilizar sujeitos LGBTQ+, mais especificamente, bissexuais.

As telenovelas selecionadas são “O segundo sol”, “Avenida Brasil” e “Em família” da emissora Rede Globo¹ e foram apontadas em outras pesquisas sobre a temática da diversidade sexual, porém o olhar estava voltado para outras questões e

¹ A Rede Globo é uma emissora de televisão que teve sua consolidação decorrente do apoio de seus fundadores ao golpe militar de 64. Na época foram colocados à disposição todos os veículos de comunicação a serviço dos militares. A ascensão também se deu em decorrência da falência de outras emissoras, essas tinham ideologias contrárias ao período. E desde os tempos do golpe até os atuais, ainda que hajam oscilações, esta é a emissora de televisão com maior audiência.

os estudos que se aproximaram da discussão da bissexualidade apresentaram um viés diferente do aqui proposto.

A análise das cenas será feita a partir de trechos dos diálogos das personagens que, explicitam a imposição de um enquadramento sobre as relações e as diferentes expressões da sexualidade consoante a estrutura teórica construída.

3.1 Telenovela e Bissexualidade

A bissexualidade é existente desde as civilizações greco-romanas e o que a difere na sociabilidade burguesa é a forma como essa sexualidade é tratada, como passa de um ato permitido e admirado para uma prática promíscua e alvo de opressões.

Nas sociedades antigas, a bissexualidade se dava por relações entre um homem mais velho e um homem mais novo com a intenção de passar conhecimentos e não necessariamente envolvia práticas sexuais. Nesse período os papéis do homem e da mulher já estavam delimitados; os homens possuíam posturas viris, fortes e provedoras e já as mulheres tinham a função da reprodução, assim como posturas frágeis e subservientes.

Na época, essas sociedades não rotulavam as sexualidades, entretanto, ao longo dos anos essas relações foram nomeadas, cuja percepção desses atos, de um homem casado com uma mulher que mantinha relações com outro homem mais novo, foram entendidos como expressões da bissexualidade.

Devido às transformações e o desenvolvimento da sociedade, com a consolidação da sociabilidade burguesa das relações, Cisne aponta que

A bissexualidade que até então era tida como dimensão integrante da sexualidade humana, torna-se proibida. Foi nesse período que a prática bissexual ganhou status de perversão sexual e se instituiu uma espécie de polaridade na prática sexual, dividindo-a entre práticas que deveriam ser estimuladas, ou seja, aquelas que desenvolvidas entre indivíduos do sexo oposto, e as práticas que deveriam ser reprimidas, porque era realizada entre indivíduos do mesmo sexo. (CISNE, 2018, p. 125)

Isto é, eram permitidas as práticas que estavam dentro dos limites rígidos do casamento e a recusa da bissexualidade para além do apresentado, se dava também devido ao arranjo entre Igreja e Estado que se negavam a aceitar tal atividade.

É da ideologia heteronormativa-patriarcal-racista-capitalista que parte a incompreensão da bissexualidade e o preconceito vivenciado por sujeitos

pertencentes a essa orientação sexual, pois a heteronormatividade influencia no aspecto de que a sexualidade é algo fixo e natural, não tendo em vista e não considerando a viabilidade da construção social, marcada pelo binarismo de gênero, feminino e masculino, mulher e homem.

A bissexualidade então é deduzida como uma sexualidade polarizada que está entre o homo e o heterossexual, e isso faz com que no senso comum essa orientação sexual seja vista como impossível, incompleta, confusa e/ou apenas um disfarce para não escolher “um lado”, heterossexual ou homossexual, havendo discriminação, portanto, de pessoas encaixilhadas em um originário hetero e de quem distancia-se dessa direção.

Dessa forma, o embate entre forças monossexuais — ou seja, de pessoas que se atraem e se relacionam romântica e/ou sexualmente com apenas um gênero — acaba por violentar e, por diversas vezes, suprimir a bissexualidade, se apoderando do discurso de que não há espaço para quem é atraído por mais de um gênero. Não existe espaço para quem, portanto, se identifica como bissexual, pois devido a “obrigatoriedade” é necessário decidir-se com qual gênero pretende estabelecer relações.

Importante sinalizar que a monossexualidade é a motivadora da opressão específica sofrida por sujeitos bissexuais - a bifobia - “é o fio criador e condutor do apagamento e opressões que a bissexualidade enfrenta”. (ROSSI e VIANA, 2018, p.5)

As pessoas bissexuais frequentemente são pouco aceitas nos movimentos LGBTQ+, apesar de serem teoricamente incluídas pela letra “B” na sigla. A bissexualidade é tratada como “só uma fase” antes de se assumir heterossexual ou homossexual e as pessoas bissexuais devem lidar com preconceitos de supostamente serem promíscuas e desconfiáveis. (LEWIS, 2012, p.7)

O “gênero” como cá nomeado é um termo estudado desde os anos 1980 por diversos intelectuais, aqui partiremos da “teoria queer”, o que quer dizer, teoria da performatividade Queer em seu significado e tradução faz referência a tudo àquilo que pode causar estranhamento e Judith Butler em seus estudos buscou reverter o “estranhamento” em algo aproximado da realidade.

Para Colling (2011, p.1 apud BUTLER, 2002, p.64), “o gênero é performativo porque ele é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. E nesse regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva. ”

Assim, o gênero não somente é uma identificação, é uma construção advinda de um modelo de sociedade e suas ordenações.

[...] podemos dizer que a teoria de performatividade tenta entender como a repetição das normas, muitas vezes feita de forma ritualizada, cria sujeitos que são resultado destas repetições. Assim, quem ousa se comportar fora destas normas que, quase sempre, encarnam determinados ideais de masculinidade e feminilidade ligados com uma união heterossexual, acaba sofrendo sérias consequências. (COLLING, 2011, p.1)

A teoria da performatividade contribui para a compreensão da bissexualidade pela negativa do binarismo e da dicotomia preestabelecida nas relações, pois entende a atração bissexual para além do sexo da pessoa parceira e do binarismo de gênero. Em vista disso, a bissexualidade pode ser vista para Rossi e Viana (2018, p.5) “como um índice de uma desconstrução do binarismo de gênero e sexualidade, e também da heteronormatividade, visto que é subversiva, é potencial fluidez”.

[...] o movimento bissexual ressignifica o termo bissexualidade. A linguagem está sujeita a apropriações e transformações, é fluída e viva. Portanto, para: i) uma maior compreensão da sexualidade bissexual como pertencente à dualidade hetero e homossexual; ii) incluir pessoas intersexo e não-binárias; iii) incluir todas as formas de atração para além de um gênero e iv) ir além da etimologia e afastar de vez a associação da bissexualidade com “dois”, a bissexualidade passa, então, a ser definida como pela comunidade como “atração para além de um gênero”. (ROSSI e VIANA, 2018, p. 5)

No que concerne a bissexualidade e as telenovelas, como salientado no capítulo anterior, esta orientação sexual foi a que menos se encontrou representada nas telenovelas brasileiras, sendo abordada de forma explícita em somente 4 tramas.

Se sabe que de 2013 em diante em quase todas telenovelas apresentadas no horário nobre, ou seja, o horário de maior audiência, esteve presente algum personagem LGBTQ+ e tão poucas foram as aparições de personagens bissexuais e isso se dá, de acordo com Rossi e Viana (2018), porque

[...] o apagamento bissexual, estruturalmente aplicado, pode ter feito com que algumas ou muitas personagens bissexuais tenham sido transformadas ao longo da trama ou catalogadas como homossexuais, ou até mesmo nem terem sido catalogadas como bissexuais por não se definirem pela palavra bissexual, o que é recorrente. (ROSSI e VIANA, 2018, p.9)

Dessa forma, compreendendo as telenovelas brasileiras como recurso comunicativo, que tem o poder de influenciar os telespectadores, difundir as informações apresentadas, formar opiniões e dar continuidade a determinados moldes sociais, esta pesquisa se desdobra sobre três novelas exibidas pela emissora de

televisão Rede Globo com o intuito de compreender o impacto que tal mecanismo exerce na perspectiva de apagamento da bissexualidade.

As novelas são “O segundo Sol”, “Avenida Brasil” e “Em família”, todas da segunda década do século XXI. As informações sobre direção, tempo de exibição, sexualidade da personagem estão disponíveis em tabela. E os diálogos completos estão como anexos.

No tópico a seguir, é importante evidenciar as transcrições das falas foram realizadas pela autora deste trabalho, bem como a concepção dos resumos a respeito das personagens.

3.1.1 Discussão sobre as novelas

Figura 1 - Diálogo entre Selma e Rosa na novela O segundo sol



Fonte: Gshow Globo

Quadro 2 - Novela “O Segundo Sol”

Nome da novela	Segundo Sol
Emissora	Rede Globo
Tempo de exibição	de 14 de maio a 9 de novembro de 2018

Autoria	João Emanuel Carneiro
Direção	Cristiano Marques, Noa Bressane, Marcelo Zambelli, Ricardo Spencer, Carla Bohler e André Barros
História da personagem	Maura e Selma assumiram um relacionamento após a morte do marido de Selma, uma vez que Selma traía o marido com Maura. Depois de terem decidido por viver juntas, resolveram ter um filho por inseminação artificial. No decorrer da trama, o doador escolhido foi Ionan, colega de trabalho de Maura. Ionan passava por momento delicado na relação com a esposa devido a ciúme. Maura e Ionan foram se aproximando e posteriormente envolveram-se. O enredo foi aos poucos transformando Maura e Ionan em um casal com uma relação bonita e de parceria, colocando Selma como uma esposa possessiva e ciumenta. A novela altera o cenário que retratava um casal homoafetivo que ansiava pela maternidade num casal heterossexual feliz com a vinda de um bebê. Maura desde o início foi apresenta como uma mulher lésbica.
Personagem	Maura
Sexualidade apresentada	Homossexual

A primeira novela retratada é “O segundo Sol”, a personagem protagonista da análise se chamada Maura, que foi apresentada como mulher lésbica desde o início da trama. Maura mantinha uma relação com Selma e as duas optaram por morarem e terem um filho por inseminação artificial.

Ionan, amigo de Maura e policial assim como ela, se ofereceu para ser o doador. Durante a trama ele deu indícios de que sentia algo diferente de amizade por Maura. E em dado momento Ionan deixou seus sentimentos evidentes.

Maura traiu Selma com Ionan e dessa traição engravidou. Então começaram os conflitos entre Selma, Maura e Ionan. Selma optou por continuar se relacionando com Maura, no entanto, a relação tomou a forma da desconfiança e instabilidade.

Extraímos do capítulo que foi ao ar em 19 de outubro de 2019 um trecho da conversa entre Maura e sua irmã Rosa sobre os sentimentos de Maura por Selma e Ionan:

— (Rosa) *E Ionan?*

— (Maura) *Ah, eu gosto dele assim... a gente se entende sem precisar falar nada, e...eu me sinto bem, acho que a gente se faz bem um pro outro, sabe? E, e eu me sinto segura do lado dele, amparada e... ah, eu gosto dele também, assim.*

— (Rosa) *Então, você tá pensando nisso, de aprofundar essa relação de vocês dois? De repente experimentar outros níveis de relacionamento.*

— (Maura) *Não...*

— (Rosa) *Não?*

— (Maura) *Não, sei lá... ah, não sei Rosa! Fica me perguntando, apertando...oh, eu não sei porque assim, Ionan quer, aí tem horas que eu até quero, aí depois não. Aí depois eu penso em Selma, aí eu fico super... dividida e confusa, e... ai sei lá, Selma também agora se picou de Salvador, não sei nem onde ela tá, sabe? E agora que eu tô precisando, tô aqui e Ionan tá me dando todo apoio e tá perto né. E assim, eu sinto que ele que ele ama essa criança como se fosse um pai, sabe?*

— (Rosa) *E ele é o pai...né?*

No diálogo com a irmã, Maura expressa que tem sentimentos por Ionan ainda que esteja dividida e tenha dúvidas. E no decorrer da trama, ela e Ionan ficam juntos até o momento que Maura propõe para Ionan e Selma que os três fiquem juntos e se relacionem como um “*trisa*”. Proposta que de imediato foi aceita, mas que ao longo dos capítulos não prosperou.

Maura e Selma terminaram a telenovela juntas e felizes e Ionan voltou para o relacionamento com a ex atual esposa.

Decorrente da conversa apresentada e das relações de Maura durante o curso da novela, fica evidente a sexualidade da personagem, que no caso é diferente da

apresentada. Maura se sentiu atraída afetiva e sexualmente por mais de um gênero e em nenhum momento foi cogitada a possibilidade de ela ser uma mulher bissexual.

Houve rumores e críticas no período de exibição da novela sobre a tentativa de implementar “a cura gay” em decorrência da gravidez de Maura e a relação com o Ionan, a perpetuação do formato de família nuclear homem, mulher e filho. Discussão que muito é pertinente ao pensar na contextualização histórica da sexualidade, entretanto, esse debate foi evidenciado e o da sexualidade não.

E ainda que a bissexualidade não tenha sido mencionada, a orientação sexual foi demonstrada nas relações de Maura e mesmo que apagada, os estereótipos de “confusa”, “promíscua” e “traidora” apareceram e não somente decorrente das relações de Maura, mas de Selma também, uma vez que ela traiu o marido com Maura.

Dessa forma, são duas personagens bissexuais, que foram vistas ao longo de seis meses como mulheres homossexuais por estarem numa relação entre pessoas do mesmo gênero, embora tivessem tido outros relacionamentos antes e após optar por ficarem juntas.

Figura 2 - Personagens Leandro, Suelen e Roni da novela “Avenida Brasil”



Fonte: Gshow Globo

Quadro 3 - Novela “Avenida Brasil

Nome da novela	Avenida Brasil
----------------	----------------

Emissora	Rede Globo
Autoria	João Emanuel Carneiro
Tempo de exibição	26 de março a 29 de outubro de 2012
Direção	Gustavo Fernandez, Thiago Teitelroit, Paulo Silvestrini, André Câmara e Joana Jabace
História da personagem	Roni é jogador de futebol do Divino Futebol Clube e durante a trama dá indícios de que é apaixonado por outro jogador, Leandro. Roni se casa com Suelen para salvá-la de ser deportada e também por insistência dos seus pais para livrá-lo da imagem de homem gay. Suelen ao longo dos capítulos se apaixona por Roni e seduz o jogador, que tem relações com ela. Roni no decorrer dos capítulos se declara para Leandro, que num primeiro momento não cogita a possibilidade de se relacionar com o amigo, uma vez que Leandro também se relaciona com Suelen. Leandro opta por contar para Roni que tem um caso com Suelen e o amigo o agradece pela sinceridade. Mais adiante na trama, Roni sugere para Leandro e Suelen que eles tenham um relacionamento à três. Ambos ficam surpresos com a proposta, mas logo aceitam.
Personagem	Roni
Sexualidade apresentada	Homossexual

Na novela Avenida Brasil, o personagem Roni foi apresentado como homem gay e no desenrolar dos capítulos por insistência de seus pais, acabou se casando

com Suelen para que ela não fosse deportada. Suelen era garota de programa e a relação de amizade dos dois se iniciou pela tentativa de Roni ajudá-la.

Suelen aceitou se casar com Roni e ao longo dos capítulos foi se apaixonando por ele e por diversas vezes tentou seduzi-lo. Roni cedeu algumas vezes, mas sempre deixou evidente que era apaixonado por outra pessoa, nesse caso, seu amigo Leandro, este que sempre se mostrou interessado por Suelen.

Desta novela, foram separados dois trechos, um exibido em 14/07/2012 e outro 13/10/2012.

- **Trecho I, exibido em 14/07/2012**

– (Leandro) *E aí, Suelen!*

– (Suelen) *E aí...*

– (Leandro) *Tudo bem? Nossa, que cheiro gostoso...*

– (Suelen) *Pois é, comprei umas velas perfumadas. Bom, né?*

– (Leandro) *Bom... Na verdade, eu ia pedir pra entrar, mas acabei entrando. Está sozinha em casa?*

– (Suelen) *Tava dando uma geral na casa. Bonitinha minha casa, não tá?*

– (Leandro) *Bonitinha... super bonita. E teu quarto? Bem que a gente podia ir lá.*

– (Suelen) *Não. Não podia, estou cheia de coisa pra fazer, Leandro.*

– (Leandro) *Mas é justamente isso que a gente podia fazer... coisa que eu sei que o Roni não está fazendo.*

– (Suelen) *É? Não estou a fim de ir pra cama contigo*

– (Leandro) *Tudo bem! A gente não precisa ir pra cama, a gente pode se pegar aqui mesmo, não é não?*

– (Suelen) *Não, Leandro. Eu já falei que não. Para! Eu estou satisfeita com o meu casamento, caraca.*

– (Leandro) *Que casamento? Está satisfeita com o que? Que casamento é esse, Suelen? O que você e o Roni fazem? Dormem de conchinha? Fazem crochê? Pintam panos de prato? Fazem mais o que? É isso que está te deixando satisfeita com o seu casamento aí?*

– (Suelen) *Eu sabia! Que tu sabia que o Roni era gay. Tu não vale nada mesmo né, Leandro?*

– (Leandro) *Como é que é?*

– (Suelen) *Como é que é? Tu seduziu o Roni e não essa cara pra mim, não, tu fica fingindo que não sabia que ele estava apaixonado por você, mas você sabia! Isso é muita sacanagem*

• **Trecho II, exibido em 13/10/2012**

- (Diógenes) *Com licença. Boa tarde*
- (Roni) *Oi, pai. Como você está?*
- (Leandro) *Boa tarde, tudo bem?*
- (Suelen) *E aí, sogrito...*
- (Diógenes) *Tudo bem... quer dizer então que o senhor além de voltar para o Divino para jogar seu futebol, também voltou a morar nessa casa?*
- (Roni) *É, pai... nós dois, nós três, a gente...*
- (Suelen) *É isso mesmo Diógenes, é isso mesmo que o senhor está escutando aqui. Vou te explicar o que estão falando no Divino em boca miúda. A verdade é essa: eu e o Roni fomos à rodoviária pegar o encosto e trazer de volta pra casa. Tiramos de dentro do ônibus de Goiás...*
- (Roni) *Eu e a Suelen, a gente pediu o Leandro em casamento...*
- (Diógenes) *Como é que é?*
- (Suelen) *É isso mesmo, eu sou tipo a dona flor.*
- (Leandro) *Só que com dois maridos vivos, seu Diógenes... é um casal de três.*
- (Diógenes) *É modernidade demais, dona Suelen, muito pouca vergonha na cara.*

No primeiro trecho Suelen compreende Roni como gay por ele fugir de suas investidas – ainda que não resista – e por saber dos sentimentos dele por Leandro. Entretanto, no decorrer da trama Roni se declara para Leandro que fica confuso e sentindo-se culpado, pois Suelen trai o marido com ele.

Leandro decide contar para Roni sobre a traição dele e de Suelen e a reação do amigo é inesperada. Roni o agradece pela sinceridade.

Mais à frente na trama, Leandro passa a morar com Suelen e Roni por estar sem casa e então o casal se percebe apaixonado por ele e os três passam a se relacionar. Porém certo tempo depois Leandro é convidado para jogar no Flamengo Futebol Clube e então aceita o convite.

Meses depois Leandro volta para casa de Suelen e Roni por ter tido problema com agressão no time flamenguista e cogita voltar para sua cidade natal Goiás. No

entanto, Roni e Suelen percebem a importância de Leandro na relação e o impedem de ir embora.

Como mostra o trecho II, Roni, Suelen e Leandro ficaram juntos.

E Roni no decurso da trama ainda que tenha tentado resistir a Suelen por estar apaixonado, não obteve sucesso. O que então diverge da sexualidade apresentada na telenovela, pois Roni se sentiu atraído por Suelen embora estivesse apaixonado por Leandro, portanto, ele se sente atraído afetiva e/ou sexualmente por mais de um gênero, ou seja, correspondente a bissexualidade.

Assim como na novela anterior, a bissexualidade não é mencionada, não é vista como possibilidade, mas está presente e sendo retratada de acordo com os estereótipos que permeiam essa orientação sexual: incompleta, não monogâmica, dividida. E que pode ser encontrar em mais de um personagem.

Figura 3 - Diálogo entre Chica e Clara na novela “Em família”



Fonte: Gshow Globo

Quadro 4 - Novela “Em Família”

Nome da novela	Em família
Emissora	Rede Globo
Tempo de exibição	03 de fevereiro de 2014 a 18 de julho de 2014
Autoria	Manoel Carlos
Direção	Adriano Melo, João Boltshauser, Luciano Sabino e Teresa Lampreia, a direção-geral de Jayme Monjardim e Leonardo Nogueira, e a direção de núcleo por Jayme Monjardim.
História da personagem	Clara, jovem dona de casa, casada com Cadu e mãe de Ivan. O conflito com a personagem emerge da aproximação dela com a fotógrafa Marina. Logo no primeiro contato, Marina demonstra interesse por Clara e brevemente no decorrer da trama, Clara evidencia que a

	<p>atração é recíproca. No desenrolar da relação das personagens, Cadu passa por um processo de adoecimento, resultante num prolongamento do drama amoroso de Clara que, está apaixonada por duas pessoas e se vê pressionada a compreender seus sentimentos, tal como decidir quem é o seu amor, ainda que deseje se relacionar com ambos os envolvidos. Clara ao longo dos capítulos é julgada por se separar de Cadu e pela escolha de se relacionar com Marina. Nos últimos capítulos da trama Clara e Marina se casam, fato esse apoiado pela família de Clara, bem como por seu filho e ex marido.</p>
Personagem	Clara
Sexualidade apresentada	heterossexual

Na novela “Em família”, Clara é apresentada como uma mulher heterossexual, casada e com filho. O relacionamento de Clara e Cadu é retratado como de muita cumplicidade, amor e companheirismo.

No decurso dos capítulos, Clara conhece a fotógrafa Marina, personagem esta já apresentada como homossexual. Marina logo no primeiro contato já se sente atraída por Clara e daí por diante são incontáveis as investidas.

Cadu percebe a maneira diferente como Marina trata Clara e desconfia que a fotógrafa esteja apaixonada pela esposa, inclusive, até brinca com isso.

Ao longo da trama, Clara vai percebendo o interesse de Marina por ela e se sente balançada. Até que em dado momento da telenovela, Clara se vê apaixonada por Marina, o que inicia, portanto, o esgotamento de sua relação com Cadu.

Abaixo seguem apresentados dois trechos retirados dos capítulos exibidos em 12/05/2014 e 30/05/2014.

- **Trecho I, exibidos em 12/05/2014 - Clara conversa com sua mãe sobre seus sentimentos por Marina e Cadu**

- (Clara) *Eu sei...*
- (Chica) *Quando você conheceu o Cadu, se casou, engravidou... eu achei que ali estava implícito a sua preferência sexual*
- (Clara) *Tava. E tava...*
- (Chica) *Eu sei o que você vai dizer: que isso é uma coisa que pode acontecer em qualquer altura da vida, em qualquer idade ou qualquer circunstância. Foi isso que aconteceu, Clara? Você deixou de ser hétero para ser homossexual?*
- (Clara) *Mãe, para com isso. Eu não sou nem uma coisa nem outra, talvez eu seja as duas coisas.*
- (Chica) *Bissexual!*
- (Clara) *Acho que sim.*
- (Chica) *Como acha, Clara? Acha? Acha não é resposta. Você acha isso certo? Como que é isso? É ou não é?*
- (Clara) *Eu nunca tive nenhuma experiência homossexual. Eu não sei!*
- (Chica) *Você nunca foi pra cama com ela?*
- (Clara) *Não! Nem com ela, nem com qualquer outra mulher*
- (Chica) *Meu deus, mas então o que que é. Me fala, o que você sente?*
- (Clara) *Amor. Afeto. Eu amo os dois. Só isso. Não quero um só, quero os dois. Sabe, quando estou com um, sinto falta do outro. Quero que você entenda, eu não estou dividida entre meu marido e a Marina. Entre um homem e uma mulher. Eu estou dividida entre duas pessoas que eu amo. Sabe, eu sinto pelas duas pessoas o mesmo desejo. Mas eu nunca tive... eu nunca vivi o outro lado da minha sexualidade. Por enquanto eu amo os dois.*

- **Trecho II, exibidos em 30/05/2014 - Conversa de Clara e o cunhado Virgílio sobre mudanças na vida**

- Clara) [...] *E eu sei o que estou falando, porque eu acho que na família fui a que mais mudei. Porque eu me interessei por uma mulher, você sabe..*
- (Virgílio) *A Helena me contou da sua decisão. Não critico. Respeito.*
- (Clara) *Não esperava outra coisa de você. Sabe que eu já ouvi de tudo, sei que tem gente que me critica, outros me apoiam, outros queriam estar no meu lugar. E tem muita gente que queria me apedrejar. Enfim, já ouvi até que mulher amar outra mulher sexualmente é pecar contra a humanidade. Porque homem e mulher formam um par*

e duas mulheres ou dois homens formam uma dupla imoral. E isso é um péssimo exemplo para a juventude. Já ouvi de tudo.

– (Virgílio) Não pode! Eu não penso assim.

– (Clara) Você sabia que tem gente que só aceita essa situação quando é com a família dos outros? Vai perguntar pra alguém se alguém quer ter um filho homossexual. A resposta é não.

No primeiro trecho, ao conversar com sua mãe, Clara expõe seus sentimentos por Marina e Cadu, e logo Chica evidencia a bissexualidade da filha.

Clara não se entende como bissexual por não ter tido relações sexuais com mulheres, somente com homens e por isso chama essa não experiência como “o outro lado da sexualidade”.

Após não saber como se definir na conversa com a mãe, mais adiante no diálogo com o cunhado Virgílio, o cenário se torna outro, pois Clara se entende como uma mulher homossexual por estar apaixonada e se relacionando com outra mulher.

No final da trama, Clara e Marina se casam apoiadas pelas famílias, por Cadu e o pelo filho do ex casal.

É notória a passagem de Clara da condição de mulher heterossexual para mulher homossexual, sendo a bissexualidade mais uma vez não considerada. Ou melhor dizendo, sendo a bissexualidade até nomeada e, posteriormente, apagada pela polarização existente entre a hetero e a homossexualidade. E mais uma vez o estereótipo da confusão e indecisão se fazem presentes em narrativas de personagens – que podemos compreender como – bissexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa se propôs a compreender como a mídia, mais especificamente, as telenovelas apresentam e direcionam as discussões pertinentes a comunidade LGBTQ+ e se tendem ao apagamento da bissexualidade.

No que tange as discussões a respeito da comunidade LGBTQ+, foram elencados avanços nas representações e, ainda que haja predominância da participação de homens homossexuais nas narrativas telenovelistas, outros segmentos foram incluídos, como por exemplo os transexuais.

Todavia, mesmo com avanços, a telenovela em seu caráter influenciador e receptivo às sinalizações do seu público consumidor, acaba por perpetuar um modelo de sociedade, que no campo da audiência e do viés mercadológico, o primordial a ser alcançado é o que vende e não obrigatoriamente o que defende e protege aqueles que não se encontram na norma.

É possível afirmar que, no que se refere a perspectiva de apagamento da bissexualidade, as telenovelas causam impactos, pois o fenômeno do apagamento, segundo Lewis (2012, p.6) “acontece de três maneiras principais: a negação total da existência da bissexualidade, a noção de que a bissexualidade é só uma fase e a insistência em classificar as pessoas ou como heterossexuais ou como homossexuais”.

Em duas das três novelas a bissexualidade não foi mencionada e na telenovela em que houve menção, a bissexualidade foi vigorosamente ignorada e logo classificada como homossexualidade, assim como nas três novelas os estereótipos deletérios a respeito da bissexualidade estiveram expostos e representados pela falta de caráter, traição, indecisão, confusão e não monogamia.

A distorção e estereotipização contribuem para o apagamento bissexual – paradoxalmente não se quer ver mais daquilo que já está sendo visto, por causar repulsa – e contribuem também, sobretudo, para a violência. A opressão sofrida por bissexuais, a bifobia, se dá na invisibilidade e na visibilidade nociva, com representações falhas. [...] o imaginário criado em torno dessa população, com pouca visibilidade ou visibilidade torta, contribui diretamente com a perpetuação dessa opressão. (ROSSI e VIANA, 2018, p.14)

Portanto, a telenovela como recurso informativo, formador de opinião e difusor de ideias, no que concerne a bissexualidade, têm atuado intensamente na perspectiva de continuá-la invisibilizando, uma vez que parece não haver possibilidade da

evidenciação das personagens bissexuais, restando, somente a dedução, a estereotipização e muitas vezes, a exclusão decorrente da dualidade entre a homo e heterossexualidade.

Em relação ao Serviço Social brasileiro e a diversidade sexual, é possível dizer que a inclusão do tema parte, segundo Cisne

[...] do reconhecimento da sexualidade e da diversidade sexual como dimensões relevantes da vida dos indivíduos, que têm implicações nas suas condições de vida e de trabalho, bem como nas demandas e respostas profissionais e, também, por reconhecê-la como agenda política de sujeitos coletivos que resistem ao conservadorismo e desenvolver articulações políticas no campo das esquerdas, com o objetivo de enfrentar a violação dos direitos e as formas opressivas contra a população LGBT. (Cisne, 2018, p.161)

A diversidade sexual chega à categoria profissional e adentra a agenda do Serviço Social como resultado da militância política não só dos assistentes sociais, mas também de estudantes vinculados a outros espaços de militância, “bem como as interações políticas das entidades da categoria com outras profissões e conselhos” (CISNE, 2018, p.162), como por exemplo o conselho federal de psicologia CFP que instituiu normas para atuação de psicólogos em relação à orientação sexual.

A questão da diversidade sexual ainda que tenha ganhado espaço de discussão entre a categoria profissional, sofreu com embates daqueles que enxergam a temática pelo viés conservador e não como processo de luta para garantia de direitos.

Desse modo, para consolidação da entrada da diversidade sexual na agenda do Serviço Social, Cisne aponta (2018, p. 164) quatro elementos que merecem destaque”. O primeiro se refere às opressões sofridas por sujeitos LGBTQ+ decorrente de preconceitos e discriminações, bem como pela falta de suporte do Estado a respeito da regulamentação sobre direitos pertinentes à livre orientação sexual.

O segundo elemento é voltado para a produção científica com a intencionalidade de levantar questionamentos a respeito das “possibilidades de extrair fundamentos do projeto ético-político” (CISNE, 2018, p.165) de forma a ampliar o entendimento da diversidade sexual e humana.

O terceiro elemento se refere aos profissionais e estudantes LGBTQ+ integrantes do universo da profissão, como mulheres lésbicas feministas. E o quarto elemento é a articulação dos anteriores, ou seja, “refere à condição política que as entidades da

categoria e dos estudantes tiveram e seguem desempenhando para o aprofundamento da relação entre Serviço Social e diversidade sexual” (CISNE, 2018, p.166).

Dessa forma, é possível compreender que a temática da diversidade sexual ainda que incorporada pelo Serviço Social de maneira não consensual, ao longo dos anos, a partir das compreensões, dos avanços nos debates, das participações políticas, avançou de pauta entre estudantes e profissionais para o ambiente do exercício profissional e das entidades representativas da categoria em suas respectivas frentes.

A Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO) “deu uma contribuição significativa para a inserção do tema da diversidade sexual para o Serviço Social por meio de debates e articulação política no ambiente das lutas em defesa dos direitos LGBT” (CISNE, 2018, p.171)

O Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) e Conselho Regional de Serviço Social de São Paulo (CRESS) cuidou de estimular o debate reflexivo por meio de atividade e campanhas sobre as violações e opressões cotidianas vivenciadas pelos sujeitos LGBT+, principalmente em instituições, pois são espaços de atuação profissional.

Já a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), “como entidade que coordena o processo de formação profissional do (a) assistente social nacionalmente, também desencadeou reflexões sobre a temática da diversidade sexual como dimensão importante no conjunto da atuação profissional” (CISNE, 2018, p.176), bem como atuou por sua curricularização.

Trazendo para a nossa formação dentro da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), os debates acerca da temática foram ofertados em sua maioria em espaços para além da sala de aula e é perceptível que em nosso curso, tal tema se encontra distante da apropriação docente, não somente a questão da bissexualidade, como os demais segmentos LGBT+

Frente à conjuntura, o desmonte das políticas sociais e o ataque às minorias, se faz necessário o avanço no debate a respeito da diversidade sexual para que se possa fazer uma análise concreta da totalidade, uma vez que as opressões não ocorrem de forma fragmentada.

Ao longo dos semestres são ofertadas unidades curriculares que poderiam abarcar a temática com uma análise crítica assim como acontece com outras

enunciações, inclusive, importante notabilizar que em 5 anos de graduação, somente uma unidade curricular se dispôs a debruçar sobre a temática da diversidade sexual, sendo esta uma disciplina eletiva.

Ao compreender sobre a temática e o posicionamento da categoria profissional, tais fatores não isentam que a ação profissional fuja do conservadorismo e da moralidade, no entanto, se faz necessário que a instituição de ensino e o curso de Serviço Social estejam comprometidos em aprofundar e avançar sobre a temática da diversidade sexual.

Como mencionado, as entidades da categoria profissional em suas frentes avançaram no que se refere a dar visibilidade à temática e vale destacar aqui a Campanha pela Livre Orientação e Expressão Sexual que foi lançada em 2006 após sua aprovação no 34º Encontro Nacional CFESS-CRESS.

A campanha tinha como objetivos o reconhecimento das expressões da diversidade sexual, a sensibilização dos profissionais em torno do debate sobre a temática e a contribuição com o aprimoramento profissional, uma vez entendida a livre orientação e expressão sexual como direito humano.

Portanto, na primeira década do século o Serviço Social deu importante passo ao se posicionar pela defesa e garantia dos direitos dos sujeitos que fogem à norma instituída socialmente frente as expressões da sexualidade humana.

E para além das entidades, é necessário que o posicionamento da categoria esteja presente nas instituições de ensino, no curso de Serviço Social e principalmente, no espaço da sala de aula para que se possa propiciar uma formação comprometida com a defesa e garantia de direitos da vivência da Livre Orientação e Expressão Sexual e na luta contra os preconceitos.

REFERENCIAS

A REVOLTA DE STONEWALL. Direção: XX. Produção: XX. Local: GNT.doc. Online (xx min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cxSBW79yxjQ> Acesso em 22/06/2018.

CISNE, Mirla. Ser, desejar e sentir “diferente”: mais que um direito, uma condição Humana. IN COLETIVO NACIONAL DE DIVERSIDADE SEXUAL DA CONSULTA POPULAR. **Colorindo um projeto popular para o Brasil. Rumo ao I Encontro Nacional de Diversidade Sexual da Consulta Popular! II** Caderno de Debates. 2012. p. 4-9. Disponível em: <http://www.consultapopular.org.br/sites/default/files/II%20caderno%20de%20debates%20sobre%20Div.%20Sexual%20da%20CP.pdf> Acesso em 10/10/2017.

CISNE, Mirla e SANTOS, Silvana Mara Morais do. **Feminismo, diversidade sexual e serviço social**. Cortez Editora. São Paulo, v. 8, 2018.

COLLING, Leandro. Mais definições em trânsito – Teoria QUEER. In COLLING, Leandro (orgs.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Editora: EDUFBA: Coleção CULT, 2011.

FACHINNI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para “arena” do movimento LGBT brasileiro. **Revista Bagoas**: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, n. 04, 2009. p. 131-158. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/entre%20compassos%20e%20descompassos.pdf>. Acesso em 07/10/2019.

LEWIS, Elizabeth Sara. **“Não é uma fase”: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais**. 2012, 240f. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em Letras do Departamento de Letras) - Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20671/20671_1.PDF. Acesso em 02/11/2017.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela como recurso comunicativo. **Matrizes**, v. 3, n.1, dez/ago, 2009. p. 21-47. Disponível em https://repositorio.usp.br/bitstream/handle/BDPI/32406/art_LOPES_Telenovela_2009.pdf?sequence=2. Acesso em 18/11/2019.

MIRANDA, Marcelo. Mediações: Telenovelas e Sexualidades como Elementos de Condensações de Sentidos Híbridos entre e Hegemonia e a Resistência. **Revista Electrónica en América Latina Especializada en Comunicación**, n. 77, ago/out

2011. Disponível em http://www.razonypalabra.org.mx/N/N77-1/15_Miranda_M77-1.pdf. Acesso em 03/11/2019.

NOGUEIRA, Leonardo; HILÁRIO, Erivan; PAZ, Thais Terezinha; MARRO, Kátia. **Hasteemos a bandeira colorida. Diversidade sexual e de gênero no Brasil**. Expressão Popular: São Paulo, 2018.

PEREIRA, Cleyton Feitosa. Notas sobre a trajetória das políticas públicas de direitos humanos LGBT no Brasil. **RIDH**: Bauru, v. 4, n. 1, jan/jun, 2016. p. 115-137

PINTO, Tadeu Alves. **TELENOVELA - A PRODUÇÃO DO REAL E DA VIOLÊNCIA COTIDIANA NA FICÇÃO**. Monografia (Curso de Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006. Disponível em <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/TAPinto1.pdf>. Acesso em 10/11/2019.

REBOUÇAS, Roberta de Almeida e. **Telenovela, história, curiosidades e sua função social**. In. VII Encontro Nacional de História da Mídia, 19 a 21 agosto 2009, Fortaleza, Ceará. Anais eletrônicos.... Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Telenovela-%20historia-%20curiosidades%20e%20sua%20funcao%20social.pdf>. Acesso em 21/11.2019.

ROSSI, Fernanda Santos e VIANA, Pablo Moreno Fernandes. **A bissexualidade em telenovelas: Amor à vida e Em família**. In. Comunicação Audiovisual do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2018. Belo Horizonte, MG: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 7 a 9 jun, 2018. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-1078-1.pdf>. Acesso em 03/11/2019.

SANTOS, Pâmela Passos do. **ABUSO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: uma análise profunda e seus limites de enfrentamento na ordem burguesa**. 2017. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Serviço Social) – Instituto Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2017.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro e MATTOS, Geórgia. Personagens LGBT nas telenovelas da Rede Globo de 2014 A 2016: Uma Reflexão a partir dos estudos Queer. **Revista Observatório**: Palmas, v. 5, n. 2, abr/jun, 2019. p. 434-458. Disponível em <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/download/6445/15131/>. Acesso em 01/12/2019.

SOUSA, Francisco Maurício Holanda de. **Homossexualidade, telenovelas e sociedade**. In. VII Encontro Nacional de História da Mídia, 19 a 21 agosto 2009, Fortaleza, Ceará. Anais eletrônicos.... Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/HOMOSSEXUALIDADE-%20TELENOVELAS%20E%20SOCIEDADE.pdf>. Acesso em 11/11/2019.